

Curso de Quenya

Helge Kåre Fauskanger
(helge.fauskanger@nor.uib.no)

Tradução
Gabriel “Tilion” Oliva Brum
(tilion@terra.com.br)

Introdução

De todos os idiomas inventados pelo filólogo e autor britânico J. R. R. Tolkien (1892-1973), o mais popular sempre foi o *quenya*. Ele também parece ser o mais altamente desenvolvido de todos os idiomas inventados por Tolkien. De fato, apenas dois deles – quenya e sindarin – são tão completos que uma pessoa pode, com alguma facilidade, escrever textos substanciais neles sem recorrer à uma massiva invenção própria. Até recentemente, o sindarin era pouco compreendido, e sua complexa fonologia pode desanimar novos estudantes (especialmente se eles não possuírem treinamento lingüístico). Meu conselho para as pessoas que querem estudar as criações lingüísticas de Tolkien definitivamente seria que elas começassem com o quenya. Ter o conhecimento deste idioma facilitará estudos posteriores de outras línguas, incluindo o sindarin, uma vez que o quenya representa apenas um ramo da família das línguas élficas: as línguas élficas não são entidades independentes, mas todas evoluíram de uma língua ancestral comum e, em muitos aspectos, o quenya situa-se mais próximo do seu original primitivo do que os outros idiomas.

Na realidade, em oposição a este contexto imaginário, Tolkien bem sabia que tipo de estilo ele estava almejando e, tendo traçado um idioma “élfico primitivo”, ele habilmente desenvolveu mudanças sonoras que produziram uma língua com o sabor desejado: o quenya resultou de seu romance juvenil com o *finlandês*; ele estava, em suas próprias palavras, absolutamente intoxicado pelo som e o estilo deste idioma quando ele o descobriu (*The Letters of J.R.R. Tolkien*, pág. 214). Entretanto, deve-se enfatizar que o finlandês foi somente uma inspiração; o quenya não é de modo algum uma versão deturpada do finlandês, e apenas umas poucas palavras de seu vocabulário mostram alguma semelhança às palavras finlandesas correspondentes. (Ver o debate de Harri Perälä em http://www.sci.fi/~alboin/finn_que.htm; o escritor é ele próprio um finlandês.) Tolkien também mencionou o grego e o latim como inspirações; nós também podemos evidentemente adicionar o espanhol à lista.

A história fictícia ou interna do quenya é resumida no meu artigo de quenya regular no Ardalambion (ver <http://www.ardalambion.com.br/quenya.php>) e não necessita ser repetido em qualquer detalhe aqui. Bem resumidamente, dentro dos mitos de Tolkien o quenya era o idioma dos elfos que viviam em Valinor no extremo oeste; sendo falada no Reino Abençoado, ela era a língua mais nobre no mundo. Posteriormente, um dos clãs de elfos, os Noldor, partiram em exílio à Terra-média, levando o quenya com eles. Na Terra-média, ele logo saiu de uso como uma fala diária, mas entre os Noldor ele foi sempre preservado como um idioma cerimonial, e como tal ele também ficou conhecido pelos homens mortais em eras posteriores. Em conseqüência, no *Senhor dos Anéis* temos Frodo pronunciando a famosa saudação em quenya **elen síla lúmenn’ omentielvo**, *uma estrela brilha sobre a hora do nosso encontro*, quando ele e seus amigos deparam-se com alguns elfos (e os elfos ficaram encantados por encontrar um estudioso da Língua Antiga). Se alguém estuda quenya como um modo de imergir-se na ficção de Tolkien, realmente pode ser melhor descrever a si próprio como um estudante mortal na Terra-média na Terceira Era, por volta do período abrangido no *Senhor dos Anéis*. (Descrever-se como um falante nativo de élfico em Valinor na Primeira Era pode ser pretensioso demais.) A forma particular de quenya ensinada neste curso é – com intenção – precisamente a Exilada posterior ou uma variante da Terceira Era. Este é o tipo de quenya exemplificado no *Senhor dos Anéis*, com o Lamento de Galadriel (*Namárië*) como o exemplo mais substancial.

Numerosos entusiastas produziram um corpo limitado, mas em constante crescimento, da literatura do quenya, especialmente uma vez que uma quantia substancial de vocabulário finalmente tornou-se disponível com a publicação do *The Lost Road* em 1987, quinze anos após a morte de Tolkien. Graças a este e aos quinze outros livros de material da Terra-média que Christopher Tolkien, no período de 1977-96, editou a partir dos manuscritos deixados por

seu pai, nós agora sabemos muito mais sobre os idiomas de Tolkien do que soubemos durante toda a vida de seu inventor. Certamente não podemos nos sentar e prontamente traduzir as obras de Shakespeare para o quenya, mas sabemos algumas milhares de palavras e podemos inferir as linhas gerais da gramática antevista por Tolkien. E ainda, você não pode realmente tornar-se fluente em quenya, não importa quão arduamente você estude o que está disponível atualmente. Mas é certamente possível escrever textos bastante longos em quenya se alguém deliberadamente evitar as infelizes lacunas no nosso conhecimento, e podemos ao menos esperar que algumas destas lacunas (especialmente com respeito às características gramaticais) sejam preenchidas por futuras publicações. No futuro, nós poderemos ser capazes de desenvolver o quenya em um idioma mais inteiramente utilizável. Mas devemos obviamente começar por reunir cuidadosamente as informações fornecidas pelo próprio material de Tolkien, até o ponto em que está disponível para nós.

Muitos têm desejado um curso ou tutorial regular, com exercícios e tudo o mais, que lhes permitiria estudar o quenya com alguma facilidade por conta própria. Tal esforço foi feito antes: *Basic Quenya*, de Nancy Martsch. De modo geral, este foi certamente um bom trabalho; o fato de que o material que foi publicado após ele ter sido escrito agora revela certas deficiências não pode ser usado contra a autora. Entretanto, muitos gostariam de ter um curso mais atualizado, e eu tenho sido abordado seguidamente por pessoas sugerindo que eu seria a pessoa certa para escrevê-lo. É claro que é bom quando os outros me chamam de perito na lingüística tolkieniana; na verdade eu diria que é difícil ser um perito nestes assuntos, devido à escassez de fontes de material. Apesar de tudo, tenho sido tão privilegiado que tenho sido capaz de passar muito tempo estudando esses assuntos (começando a mais de dez anos atrás), e vejo isto como meu dever: transmitir quaisquer discernimentos que eu possa ter adquirido. Então, no final das contas, eu sentei e comecei a escrever este curso, destinado aos iniciantes. (Isto convenientemente me permite preencher as vulneráveis mentes não-críticas dos novos estudantes com a *minha* interpretação da gramática do quenya, a qual cuja eu inevitavelmente acredito ser a melhor e mais precisa. Ha, ha, ha.) Seja como for, este curso não procura imitar um formato “língua-fônico” com longos diálogos etc. para ajudar o estudante a adquirir fluência básica em várias situações relacionadas à vida diária. Isto seria totalmente sem sentido no caso de um idioma-arte como o quenya, que é para ser usado para prosa e poesia cuidadosamente preparadas ao invés de uma conversação casual. Estas lições particularmente tomam a forma de uma série de ensaios em várias partes da gramática do quenya, revendo e analisando as evidências disponíveis em uma tentativa de reconstruir as intenções de Tolkien, com alguns exercícios anexados.

Por quê estudar quenya? Obviamente não porque você está indo à Valinor nas férias e precisa ser capaz de se comunicar com os nativos. Alguns podem querer estudar esse idioma para de certa forma ficar em melhor harmonia com o espírito da autoria de Tolkien. Ele refere-se a

...o que eu penso é um “fato” primordial sobre o meu trabalho, que é todo da mesma espécie, e *fundamentalmente lingüístico* em inspiração. [...] Isto não é um “hobby”, no sentido de alguma coisa totalmente diferente do meu próprio trabalho, tomado como uma válvula de escape. A invenção de idiomas é a base. As “histórias” foram feitas especialmente para fornecerem um mundo para os idiomas, não o contrário. Para mim um nome vem primeiro e a história o sucede. Eu deveria ter preferido escrever em “élfico”. Mas, claro, uma obra como *O Senhor dos Anéis* tem sido editada e deixada apenas com a quantidade de “idioma” que eu pensei que seria digerível pelos leitores. (Eu agora descubro que muitos teriam gostado de mais.) [...] Isto é pra mim, de qualquer forma, largamente um ensaio em “estética lingüística”, como eu às vezes

digo às pessoas que me perguntam “sobre o que é isso tudo”. (*The Letters of J.R.R. Tolkien*, págs. 219-220)

Em consideração às declarações tão fortes feitas pelo autor, o estudo de seus idiomas não pode ser tomado como um escapismo tolo para adolescentes românticos. Ele deve ser considerado uma parte crucial da erudição relacionada à autoria de Tolkien, ou de fato à sua obra em geral: Os idiomas construídos por Tolkien são parte da sua produção como filólogo, não necessariamente menos sérios do que seus escritos sobre idiomas pré-existentes como o anglo-saxão; repare que ele se recusou a chamar seu trabalho fundamentalmente lingüístico de um mero hobby. Alguns podem chamar o quenya e os outros idiomas de obras de arte, mas não importa que palavra usemos para descrevê-los, pois no final tudo se reduz a isto: Tolkien não era apenas um lingüista descritivo, calmamente explorando e contemplando línguas pré-existentes – ele também era um lingüista *criativo*.

Obviamente a fluência em quenya ou sindarin não é um pré-requisito para que você possa dizer qualquer coisa inteligente sobre as narrativas de Tolkien; mesmo assim está claro que alguns críticos e estudiosos lamentavelmente subestimaram o papel crucial dos idiomas inventados, julgando a si próprios incapazes de aceitar mesmo declarações tão claras como a citada acima com total seriedade. Para apreciar completamente o escopo e a complexidade da subcriação lingüística de Tolkien, a pessoa tem que estudá-la ativamente para o seu próprio bem. Ela deveria certamente ser capaz de inspirar interesse para seu próprio proveito. Alguns anos atrás, o conhecido estudioso de Tolkien Tom Shippey observou que

...está claro que os idiomas que Tolkien criou foram criados por, vocês sabem, um dos mais completos filólogos de nosso tempo, de modo que deve haver então algo de interessante neles, e eu também penso que neles está derramado muito do seu pensamento e conhecimento profissional. (...) Eu frequentemente tenho reparado que realmente existem observações muito valiosas sobre o que Tolkien pensava sobre a filologia real enterrada na ficção. E eu não ficaria de maneira alguma surpreso se, vocês sabem, houvessem valiosas observações enterradas nos idiomas inventados. Então deve haver, de fato, algo que surja deles. [De uma entrevista realizada durante simpósio Arda em Oslo, de 3-5 de abril 1987, publicada no jornal *Angerthas*, edição 31.]

Mesmo que alguém não acredite que existam novas visões filológicas esperando serem desenterradas da estrutura dos idiomas de Tolkien, eu não consigo ver por que conduzir estudos detalhados destes idiomas devem ser vistos como escapismo, ou na melhor das hipóteses algum tipo de passatempo tolo para pessoas que sejam muito preguiçosas para encontrar algo melhor para fazer. Os idiomas construídos por Tolkien têm sido comparados à música; seu biógrafo Humphrey Carpenter observa que, se ele tivesse se interessado por música, ele muito provavelmente teria desejado compor melodias; então por que ele não deveria criar um sistema pessoal de palavras que fosse como uma sinfonia particular? Alguém pode estudar os idiomas de Tolkien detalhadamente desenvolvidos assim como pode-se estudar uma sinfonia musical: uma obra complexa de muitas partes interligadas trançadas em intrincada beleza. Apesar disso, a sinfonia é fixa em sua forma, enquanto um idioma pode ser infinitamente re combinado em textos sempre novos de prosa e poesia, e ainda assim mantém sua natureza e sabor intactos. Uma das atrações do quenya é que podemos compor nós mesmos uma música lingüística apenas aplicando as regras de Tolkien, de modo que a comparação de Carpenter é muito limitada: Tolkien não apenas criou uma sinfonia, ele inventou uma forma inteira de música, e seria lamentável se isso morresse com ele.

Claro, outras pessoas podem querer estudar quenya para aprofundarem-se na ficção de Tolkien, sem pretensões de qualquer tipo de erudição: a visão de Tolkien dos *elfos* (Quendi, Eldar) é sem dúvida a principal realização da sua autoria, e o quenya era – pelo menos na opinião um tanto quanto preconceituosa dos Noldor – a principal língua élfica, a mais nobre, e a que mais preservava o caráter ancestral da fala élfica (*The War of the Jewels* pág. 374). Mas alguém pode tatear em direção à elficidade em um sentido mais profundo do que apenas mergulhar a si mesmo na ficção. Abandonando felizmente a já clássica idéia de elfos como pequeninas fadas excessivamente bonitas, Tolkien, por outro lado, idealizou a visão dos elfos como algo mais: “Eu creio que os *Quendi* são de fato nestas histórias muito parecidos com os elfos e fadas da Europa; e se eu fosse pressionado a racionalizar, eu diria que eles representam a beleza superior, a vida mais longa e a nobreza – os Filhos Mais Velhos” (*The Letters of J.R.R. Tolkien*, pág. 176). A quintessência da visão de Tolkien da elficidade está contida primeiramente nos idiomas, pois para os Eldar a criação da fala é a mais antiga das artes e a mais amada (*The Peoples of Middle-earth* pág. 398). De certo modo, o estudo do quenya pode ser uma busca para esta visão de algo belo e nobre além da capacidade de nosso eu finito e mortal: os elfos representam, aparentemente, os aspectos artísticos, estéticos, e puramente científicos do humano elevado a um nível mais superior do que é na verdade visto nos homens (*Letters*, pág. 176). A busca por um nível superior transcende toda ficção. A visão interior de Tolkien deste nível ele traduziu parcialmente em imagens, de forma muito mais destacada em narrativas, mas (para ele) ainda mais importante, em palavras e sons de *linguagem*. No quenya a sua visão de beleza permanece, esperando aqueles capazes de compreender e apreciá-la.

Nas suas web-pages, os lingüistas suecos do grupo Mellonath Daeron tentam justificar seu estudo dos idiomas de Tolkien:

Nossa atividade tem sido descrita como o luxo definitivo. Estudamos algo que não existe, apenas de brincadeira. Isto é algo a que você pode se permitir quando possui tudo o mais; comida, abrigo, roupas, amigos, e assim por diante. Os idiomas de Tolkien já são dignos de estudo apenas pelos seus altos valores estéticos. E o conhecimento desses idiomas é a chave para uma apreciação completa da beleza da subcriação de Tolkien, seu mundo, Arda.

Eu concordo de todo coração com as duas últimas frases, mas não posso concordar que o quenya e o sindarin não existem. Obviamente não estamos falando de objetos físicos, tangíveis, mas isto serve para qualquer idioma. Estes não são idiomas fictícios, mas são idiomas tão reais quanto o esperanto ou qualquer outro idioma construído. O próprio Tolkien registrou sobre seus idiomas que “eles possuem alguma existência, uma vez que eu os compus em alguma integridade” (*The Letters of J.R.R. Tolkien*, pág. 175).

Diferente do esperanto, o quenya está fortemente associado com uma *história fictícia interna*. (Tolkien uma vez declarou que o esperanto teria sido mais bem sucedido se houvessem mitos para acompanhá-lo!) Os mitos associados certamente enriquecem o quenya e nos ajudam a compreender que tipo de sabor lingüístico Tolkien almejava, e o fato de que este idioma tem um papel a desempenhar nos mais famosos romances de fantasia já escritos obviamente lhe concede mais publicidade grátis, a qual o esperanto pode apenas sonhar em ter. Ainda assim deve ser enfatizado que o quenya não existe como uma entidade real no nosso próprio mundo e, como mencionado acima, ele possui uma literatura crescente, principalmente em verso: os textos atualmente em existência já devem ser centenas de vezes mais compreensivos do que todos os textos em quenya já escritos pelo próprio Tolkien. Ele refinava incessantemente a estrutura e evolução imaginária de seus idiomas inventados, mas ele escreveu consideravelmente poucos textos substanciais neles. Embora ele afirmasse que

deveria ter preferido escrever em “élfico” (ver citação acima), ele, na verdade, escreveu mais *sobre* as línguas élficas do que nelas propriamente ditas. O prazer encontra-se na própria criação, observa Christopher Tolkien (*Sauron Defeated*, pág. 440). Seu pai criou os idiomas apenas porque amava fazê-los, não porque ele necessitasse usá-los para algum propósito específico. Para ser preciso, Tolkien escreveu alguns poemas em élfico, mas sua quantidade é muito pequena comparada às milhares de páginas que ele escreveu *sobre* a estrutura de seus idiomas.

Tolkien divertia-se na invenção plena; que era seu privilégio como o criador original. Entretanto, ousou dizer que poucas pessoas são capazes retirar muito prazer da mera contemplação passiva da estrutura de um idioma, ou da leitura da gramática de um idioma inventado como se fosse algum tipo de romance. Eu imagino que a maioria das pessoas que querem estudar quenya tem alguma intenção, embora vaga, de pôr este conhecimento em uso ao escrever elas mesmas textos em quenya, ou pelo menos ao ler textos de outras pessoas (no mínimo os do próprio Tolkien). Realmente aprender qualquer idioma, de qualquer forma, requer uma participação ativa: mesmo que vocês jamais sonhem em publicar qualquer coisa em quenya, mas que particularmente queiram avaliar o élfico de Tolkien para propósitos puramente acadêmicos, vocês ainda terão que se esforçar através de alguns exercícios para inteirarem-se da gramática e do vocabulário. Tais exercícios são fornecidos neste curso.

Meu ponto de vista favorito no estudo dos idiomas de Tolkien é provavelmente este (construído sobre a analogia musical sugerida por Carpenter): eu diria que estamos de certa forma na mesma situação em que estaria um genial compositor que fosse inventar uma nova forma de música, escrevendo muito sobre sua estrutura, mas criando relativamente poucas composições reais – algumas delas nem mesmo publicadas durante a vida do próprio compositor. Mesmo assim, estas poucas composições ganham um crescente público internacional, um público que gostaria muito de ouvir mais – muito mais – músicas deste tipo. O compositor original estando morto, o que faremos? Há apenas um caminho: nós devemos realizar um estudo meticuloso tanto das composições publicadas como dos escritos mais teóricos, para decifrar e inteirar as regras e princípios para este tipo de música. Então podemos começar a compor nós mesmos, criando melodias inteiramente novas que ainda obedecem a estrutura geral desenvolvida pelo inventor original.

Isto, é claro, é uma analogia grosseira quando se trata das narrativas de Tolkien. Os temas e princípios de contar histórias de Tolkien têm sido adotados por gerações de novos autores, resultando no gênero de fantasia moderno – embora não fosse muito controverso dizer que longe de todos terem sido capazes de viver com os altos padrões colocados pelo mestre. De certa maneira, a qualidade dos numerosos textos quenyanos pós-Tolkien varia enormemente. No caso de algumas tentativas recentes, escritas quando pouco material de fonte estava disponível, é agora fácil identificar vários defeitos e conclusões equivocadas do que Tolkien realmente pretendia. Hoje, com muito mais material disponível, eu diria que é possível escrever textos que Tolkien *provavelmente* teria reconhecido como, no mínimo, quenya levemente correto (embora eu pense que ler textos em quenya não originados dele mesmo teria sido uma experiência estranha para ele; seus idiomas inventados eram originalmente algo muito particular).

Este curso deve ser, de qualquer modo, útil, não importando qual possa ser o seu ponto de vista sobre este estudo – se você quer aprender quenya para mergulhar a ficção de Tolkien, para melhor apreciar um lado crucial da sua composição, para aprender sobre as intrincadas criações de um lingüista talentoso, aceitar o desafio intelectual de tentar dominar um sistema sofisticado, continuar uma busca reflexiva pela elficidade, ou simplesmente aproveitar o quenya esteticamente. Nenhum destes são mutuamente exclusivos, é claro. Qualquer que seja seu ponto de vista, eu espero que você goste de ter uma parte em fazer a literatura de quenya crescer e florescer.

Outra citação de Tolkien pode ser colocada aqui: “Nenhum idioma é apenas estudado meramente como um auxílio a outros propósitos. Ele realmente servirá melhor a outros propósitos, filológicos ou históricos, quando for estudado por amor, para si mesmo” (MC: 189).

A QUESTÃO DOS DIREITOS AUTORAIS

Este é um assunto ao qual eu tenho que dedicar alguns parágrafos, embora isto vá provavelmente surpreender qualquer estudante novo e inocente que nunca tenha dado muita atenção a isto de maneira alguma. De qualquer modo, debates em torno das questões de direitos autorais têm tristemente causado muito rancor entre os estudantes que trabalham no campo da lingüística tolkieniana; tais debates basicamente desmantelaram a lista de discussão TolKLang, levando à criação da Elfling no lugar dela. Se os herdeiros de Tolkien ou seus advogados vierem a ler o que se segue, eu espero que eles não se ofendam. Isto realmente não é sobre roubar algo deles, mas sobre dirigir a atenção a uma parte muito importante da obra de Tolkien e ajudar pessoas a aprenderem sobre ela, de forma que ela possa viver, crescer e permanecer como um testemunho duradouro de seus esforços, e como um memorial dinâmico a ele mesmo. Falando sobre seu pai, Christopher Tolkien em uma entrevista de tv descreveu o quenya como a linguagem que ele buscava, a linguagem do seu coração. Os estudantes de quenya meramente querem esta parte especial do coração de Tolkien para continuar. Ninguém está tentando ganhar qualquer dinheiro ou lucrar de qualquer outra forma com isto. (Se o Tolkien Estate, ou de preferência a Harper Collins, viessem a querer publicar este curso em forma de livro, eu ficaria feliz em deixá-los fazê-lo, e eu não esperaria receber quaisquer royalties.)

Em 1998, e recentemente em 1999, na lista TolKLang, o advogado W. C. Hicklin argumentou vociferantemente que publicar descrições gramaticais não autorizadas de um idioma de Tolkien seria uma violação descarada dos direitos autorais do Tolkien Estate, afirmando que qualquer publicação do tipo faria indubitavelmente o Estate reagir com dinheiro, armas e advogados. (Espera-se que a parte sobre armas de fogo tenha sido figura de linguagem.) Eu não posso concordar com tal interpretação da lei de direitos autorais, especialmente considerando que o que sabemos sobre quenya, nós na maior parte aprendemos ao estudar os exemplos que temos – e não lendo gramáticas explícitas de Tolkien, que ainda não foram publicadas. Não posso imaginar que, ao estudar textos disponíveis de quenya, seja *ilegal* para nós colocarmos nossas conclusões em palavras e contar aos outros sobre elas. Se for isto o que direitos autorais significam, então todos os tipos de comentários e críticas literárias imediatamente vão por água abaixo. Enquanto Hicklin dizia informar a posição de Christopher Tolkien (que ele invocava como base), o próprio Tolkien Estate até então se recusou a apresentar sua opinião nestas questões, mesmo quando convidado a fazê-lo pelo moderador da TolKLang, Julian Bradfield. Pode-se notar que a lei de direitos autorais não é a área na qual o Sr. Hicklin é especializado, e penso que ele espremeu o conceito de personagem até o ponto de declarar que cada palavra individual nos idiomas inventados deva ser considerada um personagem literário de Tolkien, aparentemente em igualdade com personagens como Aragorn ou Galadriel. Misteriosamente, Hicklin ainda concorda que não há problema em escrever novos textos nos idiomas de Tolkien, embora no mundo de Hicklin isto pareceria ser a analogia de escrever novas histórias envolvendo personagens de Tolkien (o que, todos concordam, seria uma violação de direitos autorais).

Os problemas óbvios de Hicklin ao elaborar um argumento consistente, assim como as subsequentes investigações conduzidas por mim e outros, me levaram à conclusão de que adquirir os direitos autorais de um idioma como tal seria bastante impossível. O idioma em si não é comparável a um texto fixo escrito nele ou sobre ele; é um sistema inteiramente abstrato, e para qualquer coisa desfrutar da proteção autoral, ela deve primeiramente ter uma

forma fixa para *ser* protegida. Argumentar que cada estrutura gramatical e vocabulário do idioma fazem sua forma fixa é sem sentido, pois isto é um *sistema* abstrato, não uma forma. Qualquer texto atual sobre (ou em) um idioma é protegido, mas não o idioma em si. Para retornar à analogia do nosso genial compositor que inventa uma nova forma de música: seus direitos autorais para suas próprias composições, e para seus escritos nesta forma de música *como textos fixos*, não podem e não devem ser disputados por ninguém. Mas ele ou seus herdeiros não podem bem assegurar que publicar composições inteiramente novas, ou descrições completamente originais dos princípios deste tipo de música, violaria de algum modo seus direitos autorais.

Este curso é escrito e publicado (grátis na Internet) por mim como uma pessoa privada. O Tolkien Estate não foi convidado a endossá-lo ou mesmo comentá-lo; ele de modo algum é oficial, e devo assumir total responsabilidade pela qualidade do conteúdo. Não é pretendido nenhum desrespeito quando aponto que qualquer endosso pelo Estate não teria muito significado no caminho de uma garantia de qualidade, uma vez que em certos trabalhos anteriores em quenya que *foram* publicados com explícita permissão do Estate podem ser vistas certas falhas e más interpretações. Há pouca razão para acreditar que os advogados do Estate ou o próprio Christopher Tolkien sejam capazes de julgar a qualidade de uma gramática de quenya (e da mesma forma nenhuma razão para sustentar isto contra eles; aprender quenya a partir de fontes primárias é um estudo longo e desafiador reservado aos especialmente interessados). Em tal situação eu espero e acredito que o Tolkien Estate respeite o direito dos estudiosos de continuar seus estudos sem perturbações, e apresentar os resultados de tal pesquisa – especialmente quando as publicações relevantes são inteiramente não-comerciais. A despeito das fortes declarações feitas por Hicklin e uns poucos outros, não há atualmente evidência concreta que o Estate ou Christopher Tolkien vejam tais estudos como uma violação de seus direitos autorais. Se eles vêm, deixemos que eles me contatem e nós conversaremos.

A interpretação da gramática do quenya que é aqui iniciada é baseada em um estudo das fontes disponíveis, principalmente em análise de texto atual de quenya, e em exegese das relativamente poucas notas explícitas na gramática que estão atualmente disponíveis. Afirmo ser óbvio que este é primeiramente um trabalho de análise e comentário (apresentado em uma forma didática), e em termos de direitos autorais, discutir a estrutura do quenya não pode ser muito diferente de discutir (digamos) a estrutura do enredo do Senhor *dos Anéis*: Em qualquer caso, está claro que qualquer coisa que eu possa dizer deve ser, no final das contas, baseada nos escritos de Tolkien, mas o estudo resultante ainda não é um trabalho derivado em termos de lei de direitos autorais. O que estamos fazendo aqui não é recontar a ficção de Tolkien (apesar de que eu certamente irei me *referir* à ela – mas então por uma perspectiva de um crítico, ou melhor, comentarista, para demonstrar como a ficção de Tolkien e a construção de idiomas se interligam). Primeiramente estaremos estudando um dos idiomas de Tolkien como uma entidade natural ao invés de uma fictícia. O fato de que este idioma foi apresentado primeiro ao mundo em um contexto de ficção não faz dele um idioma fictício, e o uso ou discussão dele não é necessariamente ficção derivada. Como já mencionado, o próprio Tolkien observou que seus idiomas como tais possuem alguma existência simplesmente porque ele já os havia desenvolvido – eles não residem exclusivamente dentro de um contexto fictício (*The Letters of J.R.R. Tolkien*, pág. 175).

Muito do vocabulário do quenya não é totalmente original; Tolkien admitiu com prazer que os vocabulários dos seus idiomas élficos estavam inevitavelmente cheios de... reminiscências de línguas pré-existentes (*The Peoples of Middle-earth* pág. 368). Embora frequentemente não tão óbvio que chegue a ser perturbador àqueles que querem estudar quenya como um idioma altamente exótico, permanece o fato de que os entendidos facilmente discernem palavras e radicais indo-europeus (e às vezes mesmo semíticos) fundamentando

muitas das palavras inventadas de Tolkien. Isto não é para ser visto como algum tipo de falta de imaginação da parte de Tolkien; ele notou que é impossível, na construção de idiomas imaginários a partir de um número limitado de sons componentes, evitar tais semelhanças – acrescentando que ele nem mesmo tentou evitá-las (*Letters*, págs. 384-385). Mesmo onde nenhuma inspiração do mundo real para uma palavra do quenya possa ser citada, permanece o fato de que não há tradição legal, seja qual for, para permitir uma pessoa cunhar novas palavras para de alguma maneira declará-las como sua propriedade pessoal. O próprio Tolkien estava ciente de que não se pode adquirir os direitos autorais de nomes (*Letters*, pág. 349), e portanto também não se pode adquirir os direitos sobre substantivos comuns, verbos, adjetivos ou mesmo preposições, para evitar o uso não autorizado delas. Algumas palavras em uso comum hoje, tais como *robô*, ocorreram primeiro em um contexto de ficção. Uma pessoa não pode, portanto, afirmar que elas são palavras fictícias, protegidas em igualdade com personagens fictícios, e não para serem usadas, catalogadas ou explicadas sem a permissão explícita de alguém que as tenha cunhado (ou seus herdeiros).

As investigações legais, conduzidas após Hicklin ter feito suas declarações empoladas, confirmaram que *palavras* como tais automaticamente entram em domínio público no segundo em que são cunhadas, e ninguém pode monopolizá-las ou reivindicar posse exclusiva delas. Você pode registrar uma palavra como uma *marca registrada*, é claro, mas isto é algo totalmente diferente: A Apple Computers não pode impedir qualquer um de usar *apple* (maçã) como uma palavra cotidiana. Também é irrelevante que o fabricante de algum tipo de jogo de fantasia tenha que remover todas as referências a *balrogs*, pois aqui não é a palavra em *sindarin balrog*, mas *balrogs* como personagens que estão nos direitos autorais de Tolkien. O fato de que Tolkien cunhou a palavra **alda** para árvore dificilmente implica que árvores são personagens literários. Não é apenas uma árvore crescendo a Terra-média que pode ser chamada de **alda**; a palavra funcionará igualmente bem se eu escrever um poema em quenya sobre uma árvore crescendo do lado de fora da minha casa.

Concordo, todavia, que o quenya e os outros idiomas desfrutam de alguma proteção *na sua capacidade como partes do ambiente da Terra-média*. Se alguém fosse escrever novas histórias de fantasia envolvendo elfos falando um idioma chamado quenya, e houvesse exemplos demonstrando que este fosse de fato o quenya de Tolkien, este obviamente seria o mesmo tipo de plágio do qual qualquer escritor de fantasia que fosse pegar emprestado uma cidade chamada Minas Tirith, e que a descrição no livro deixasse claro que esta cidade por acaso fora construída em vários níveis e fosse vigiada por uma torre branca. Mas novamente: este curso certamente não foi pretendido como uma ficção derivada. Isto é sobre estudar e usar um dos idiomas de Tolkien largamente independente do contexto fictício como tal – embora, uma vez que eu também pretendo apresentar o quenya como uma parte da autoria de Tolkien, terei, é claro, que mencionar, me referir e algumas vezes mesmo citar as narrativas tão bem quanto apresentar meras técnicas. Apesar de tudo: é obviamente falso que os idiomas de Tolkien não podem de qualquer modo ser separados de seu mundo fictício (como Hicklin pareceu afirmar). Vicente Velasco foi, por exemplo, capaz de escrever um poema em quenya (*Rianna*) em homenagem à Princesa Diana após sua trágica morte, mas isto não significa que o acidente no qual ela foi morta deva realmente ser um ponto do enredo de um romance de Tolkien. De fato, o próprio Tolkien fez uma tradução em quenya da oração do Pai Nosso, um texto que obviamente pertence a nossa própria realidade e não poderia ocorrer dentro do ambiente da Terra-média.

Ao discutir questões de direitos autorais, devemos distinguir muito claramente entre o contexto fictício e o *uso real* de sistemas e idéias descritos dentro desta ficção; o último é bastante irrelevante para uma discussão de direitos autorais. Para vias de comparação: eu concordo totalmente que, qualquer um que fosse escrever novas histórias de fantasia envolvendo uma raça de pessoas pequenas com pés peludos vivendo em estruturas

subterrâneas chamadas smials, claramente plagiaria Tolkien e possivelmente violaria seus direitos autorais. Mas não posso imaginar que viole os direitos autorais de alguém se covo um smial no meu jardim – ou quanto a isso, se eu faço um transplante de cabelo do tipo cabeça-para-pés. De forma parecida, ninguém se sentiria livre para escrever histórias de fantasia sobre elfos falando quenya, mas *realmente usar* as estruturas lingüísticas inventadas por Tolkien para escrever novos textos que pelos seus conteúdos nada têm a ver com sua ficção, não pode ser uma violação de direitos autorais. Os novos textos em quenya são de direito apenas de seus próprios escritores.

Felizmente, os herdeiros de Tolkien parecem concordar com isso; ao menos eles nunca tentaram impedir alguém de publicar seus poemas em quenya. Se o Estate não tem problemas com isto, eu só posso supor que seus advogados também concordam que é perfeitamente legal para qualquer um escrever gramáticas em quenya ou compilar listas de palavras em quenya. De outra forma, seríamos deixados com a noção especialmente absurda de um idioma que pode ser *usado*, mas não *ensinado* ou *descrito* de forma erudita. Não posso imaginar que o Estate declararia que o número agora muito grande de textos em quenya que não são escritos por Tolkien e que não têm nenhuma relação com sua ficção não pudessem ser sujeitos a estudos gramaticais ou lexicográficos simplesmente porque eles vieram a ser escritos em quenya. Esta seria uma tentativa de obstruir e vetar certos tipos de erudição relacionados a um corpo inteiro de literatura, e não acho que isto pudesse ser sustentado, legalmente ou mesmo moralmente. Que eu saiba, os herdeiros de Tolkien não discordam.

Eu não tenho nenhuma intenção, entretanto, de disputar os direitos autorais do Estate para os *escritos reais* de Tolkien (sobre os idiomas ou não), e embora seja um exercício interessante reconstruir o élfico original supostamente fundamentando alguns dos poemas ou histórias de Tolkien, ninguém deveria publicar traduções élficas em grande quantidade de textos contínuos de Tolkien. Todos estes textos estão dentro dos direitos autorais do Tolkien Estate até que eles expirem em 2023 (ou era 2048?), e publicar substanciais traduções ou releituras próximas daí requereria a permissão do Estate: não importa o quão excessivamente privado seja o idioma-alvo, qualquer tradução ainda é derivada do próprio Tolkien, e o texto protegido. Nem deveriam escrever histórias longas localizadas no mundo de Tolkien; esta seria uma violação de direitos autorais não importando que idioma você use. Contudo, fazer traduções de uma quantidade *limitada* de textos de Tolkien pode provavelmente passar como uso justo (mas, por favor, não publique sua própria tradução em quenya do poema do Anel; já existem muitas versões competitivas...) Nem há muita razão para acreditar que o Estate tomaria qualquer ação contra *curtos* romances em quenya mesmo se eles parecessem estar localizados a Terra-média, uma vez que deveria ser óbvio que o propósito real é demonstrar o uso do quenya, e não escrever novas histórias para competir com o próprio Tolkien (eu não publicaria tais romances de qualquer modo que pudesse concebivelmente ser visto como uma publicação comercial, de qualquer forma). Poemas *sobre* pessoas ou eventos no mundo de Tolkien (como o *Roccalassen* ou Canção de Éowyn de Ales Bican) eu imagino que possam passar como um ramo de um comentário ou de uma sinopse, contanto que não inclua nenhuma ficção nova de sua autoria. Mas por favor, não se estenda muito nisso; os herdeiros de Tolkien estão o seu pleno direito quando declaram seus direitos autorais sobre as histórias dele.

Nos exercícios criados para este curso, eu, de qualquer forma, deliberadamente evitei quaisquer referências à pessoas, lugares ou eventos no mundo fictício de Tolkien (exceto por *uma* referência às Duas Árvores, pois a palavra em quenya fornece um ótimo exemplo de número par). Ao invés de me referir à ficção de Tolkien, na maioria dos casos eu recorri a um mundo de fantasia ou medieval completamente genérico; não há nada que *exclua* a possibilidade de que este seja o mundo de Tolkien, mas também não há nada concreto para confirmá-la. Existem muitos elfos e anões nestes exercícios, mas embora inevitavelmente

usemos palavras como *Eldar* e *Naucor* para estes povos quando falamos sobre eles em quenya, eles são realmente apenas elfos e anões genéricos. Sinta-se livre para imaginar que estes elfos são os Eldar de Tolkien se você preferir, mas não há nada que definitivamente ligue-os a quaisquer mitos específicos.

Apesar de eu não achar que o Tolkien Estate pudesse *legalmente* impedir pessoas de fazerem o que bem entendessem com o quenya como um idioma real (separado da ficção de Tolkien), eu encorajo os estudantes a usarem qualquer conhecimento que possam obter de uma maneira respeitosa. Devemos sentir algum tipo de obrigação moral, ou mesmo gratidão, em relação a Tolkien como o criador deste idioma. O quenya como o conhecemos é o resultado de décadas de trabalho compenetrado e de interminável refinamento; seu criador pretendia conceder-lhe um sabor nobre ou mesmo sagrado, e não é para ser usado para propósitos tolos ou não adequados. (Por favor, não divulgue suas composições em quenya em paredes de banheiros, por exemplo.) Há uma antiga entrevista televisiva onde Tolkien diz que ele não se importaria necessariamente com pessoas tomando conhecimento e desfrutando de seus idiomas inventados, mas ele *não* gostaria de ver qualquer um deles transformado em algum tipo de dialeto secreto usado para excluir outras pessoas. Este é um desejo que eu peço encarecidamente que todos os estudantes respeitem. Como um estudante e usuário do quenya, uma pessoa também deveria estar comprometida com a preservação da integridade do sistema de Tolkien, tomando grande cuidado para não distorcê-lo ou diluí-lo desnecessariamente. Ocasionalmente teremos que cunhar palavras novas mas, em tais casos, deveria-se evitar invenções arbitrárias e ao invés disso trabalhar com os radicais do próprio Tolkien, usando seus métodos de derivação.

Tolkien escreveu: “Certamente o S[enhor] d[os] A[néis] não me pertence. Ele foi produzido e deve agora seguir seu caminho já designado no mundo, embora naturalmente tenha um profundo interesse no seu destino, como um pai teria no de um filho. Estou confortado em saber que existem bom amigos para defendê-lo” (*The Letters of J.R.R. Tolkien*, pág. 413-14). Talvez ele tivesse se sentido do mesmo modo em relação aos idiomas exemplificados no livro do qual ele fala: Eles foram criados e já trilham seu caminho no mundo, estudados e até usados por muitos – mas agora o quenya e os outros idiomas devem viver suas vidas independentemente de seu pai, pois ele já não está entre nós. Então deixemos os estudantes e usuários serem seus bons amigos e defenderem seus sistemas, adequando-se à visão do homem que passou uma vida inteira desenvolvendo-os. E isso nos traz de volta à estrutura do quenya em si.

COMO É O QUENYA?

Que tipo de idioma é este, estruturalmente falando? Parece que o finlandês forneceu uma inspiração considerável não somente para os padrões sonoros, mas também para a estrutura básica. Tolkien descreveu o quenya como um idioma altamente declinado (*The Road Goes Ever On* pág. 69). Isto é, as palavras aparecem em muitas formas diferentes dependendo da sua função precisa em qualquer contexto gramatical determinado. As diferentes formas são na maior parte construídas ao empregar-se uma gama de *desinências*, desinências com significados que em português seriam freqüentemente expressas como palavras separadas. Em consequência, uma tradução em português de um texto em quenya normalmente consistirá de mais palavras do que o original em quenya: no *Contos Inacabados* pág. 10, 455, aprendemos que três palavras de quenya podem bem exigir uma tradução em português de sete palavras: **Anar caluva tielyanna** = *o sol brilhará sobre o seu caminho*. Alguns podem ver isso como uma evidência de que o quenya é um idioma mais eficiente que o português, mas se alguém usa uma palavra longa ou várias palavras curtas para expressar um certo significado, não é muito crucial. O quenya deve ser desfrutado por suas próprias qualidades, não por compará-lo a outros idiomas. Mas a palavra **tielyanna** “sobre o seu caminho” ilustra a principal diferença

entre o português e o quenya: pequenas palavras independentes como *seu* ou *sobre* frequentemente tornam-se desinências – neste exemplo, **-lya** e **-nna**, respectivamente.

O quenya é um idioma difícil? Falando sobre o quenya e o sindarin, os dois principais idiomas dos seus mitos, Tolkien escreveu que ambos os idiomas são, certamente, extremamente difíceis (*Letters*: 403). Indubitavelmente existem atualmente muitas complexidades inesperadas nos esperando na vasta quantidade de material não publicado. Mas até onde vai (ou não) nosso conhecimento hoje, eu certamente não chamaria o quenya de extremamente difícil. Ele pode ser de uma construção complexa e intrincada, mas com certeza menos complicada que o sindarin, e a compreensão do quenya como o conhecemos não é, de modo algum, um feito sobre-humano. Qualquer estudante dedicado deve ser capaz de atingir o domínio básico do sistema gramatical em relativamente pouco tempo: semanas, ou mesmo dias, ao invés de meses. Um conhecimento geral sobre lingüística obviamente seria útil em tal estudo, mas dificilmente um pré-requisito; neste curso eu tentei tornar as explicações tão simples que qualquer adolescente razoavelmente perspicaz deve ser capaz de compreender o que se passa. (Levando em consideração que algumas pessoas que querem estudar quenya são bastante jovens, eu pressupus não haver nenhum conhecimento sobre lingüística, e explicarei mesmo os termos lingüísticos elementares – estudantes mais versados podem sentir que às vezes seja tomado o rumo de uma conversa infantil.)

Deve-se compreender ainda que não é com um esperanto fluente que estamos lidando aqui. Tolkien tentou propositalmente fazer seus idiomas naturais; em consequência, há *alguns* verbos irregulares e similares, embora eu diria que seu número é bastante manejável. O quenya provavelmente situa-se a meio caminho entre um esperanto totalmente regular e um típico idioma real com sua enorme quantidade de complexidades e irregularidades, ainda que talvez mais próximo ao primeiro. De fato, o quenya é provavelmente muito simples para ser inteiramente crível como um idioma supostamente não-construído, pelo menos se o compararmos ao desordenados idiomas dos homens mortais na nossa própria época. Mas então o quenya também não era realmente “não-construído” dentro do escopo da história fictícia; ele foi construído e refinado pelos elfos, “e os Eldar conhecem sua língua, não apenas palavra por palavra, mas como um todo” (*The Peoples of Middle-earth* pág. 398). Então talvez os Eldar, estando muito cientes da estrutura de sua fala, tenderiam a criar idiomas com uma gramática relativamente ordeira. De qualquer forma, do ponto de vista dos estudantes, é difícil lamentar a ausência de mais formas irregulares para serem memorizadas; então se esta simplicidade faz realmente do quenya menos “crível” como um idioma natural, Tolkien é facilmente perdoado!

AS FONTES

Sabemos que Tolkien escreveu literalmente milhares de páginas sobre seus idiomas. Infelizmente – e aqui devo pedir aos novos estudantes que se preparem para seu primeiro grande choque, embora o fato chocante já tenha sido insinuado – *muito pouco deste material está disponível para nós*. Entretanto, Christopher Tolkien tem aparentemente tentado fazer preparativos para sua publicação. Durante a maior parte dos anos noventa, ele estava mandando fotocópias dos manuscritos lingüísticos de seu pai a um grupo de americanos muitas vezes (mas não oficialmente) mencionados como os *Elfconners*, aparentemente por causa da sua proeminência nas convenções da ELF, a “Elvish Linguistic Fellowship” (Sociedade de Lingüística Élfica). Porém, o membro mais sincero do grupo parece ter se convencido completamente de que o termo “Elfconners” sempre teve a intenção de ser depreciativo, associando-o com “conning” (engodo). Como apontado pelo moderador da TolKLang, Julian Bradfield, é possível que este membro do grupo esteja inventando insultos contra si mesmo, mas atualmente é politicamente correto se referir a este grupo simplesmente como a Equipe Editorial, abreviado por EE. Seja do que os chamarmos, o grupo consiste de

Christopher Gilson, Carl F. Hostetter, Patrick Wynne e Arden R. Smith (nos anos recentes, Bill Welden também se juntou a eles). Antes de começarem a receber os manuscritos de Tolkien, estas pessoas publicaram com bastante regularidade os jornais lingüísticos tolkienianos *Vinyar Tengwar* (editado por Hostetter) e *Parma Eldalamberon* (editado por Gilson), geralmente mantendo um alto padrão. Esta, devemos supor, foi a razão pela qual Christopher Tolkien quis que eles publicassem os manuscritos lingüísticos de seu pai em primeiro lugar.

O fato mais infeliz e mais estranho é que, após começarem a receber os manuscritos de Tolkien para publicação, o ritmo de publicação do grupo caiu desastrosamente. Eles começaram a receber cópias manuscritas em 1991; uma década depois, eles conseguiram reunir umas 200 páginas de material novo para publicação (a maioria do material em listas de palavras pertencentes aos estágios mais iniciais do trabalho de Tolkien, a muito retirado do cenário do SdA). Alguns de nós não estão impressionados. O pouco material que apareceu foi belamente apresentado, mas com o atual ritmo de publicação, o término do projeto deve estar muito longe. Em 1996, Christopher Gilson declarou que no próximo ano, seu grupo planejava publicar gramáticas bastante abrangentes para os dois principais idiomas dos mitos de Tolkien. No início de 2002 eles finalmente publicaram algum material relacionado a certos estágios do “gnômico”, um primitivo ancestral conceitual do idioma que Tolkien posteriormente chamou de sindarin; ainda estamos esperando por uma quantidade de material realmente substancial sobre o quenya. A maioria dos outros prazos finais que os membros do grupo de Gilson marcou provou-se igualmente sem valor e, desde 1998, eles têm evitado cada vez mais determinar qualquer prazo final. Ainda assim, esperemos que em dez (ou vinte, ou trinta...) anos, saibamos mais – mas se a Equipe Editorial é capaz de começar uma eficiente publicação regular do material de Tolkien, eles ainda têm que demonstrar esta habilidade.

Devemos trabalhar, então, a partir das fontes já disponíveis – fontes que frequentemente tocam nos idiomas mais ou menos acidentalmente. O aspecto lingüístico da autoria de Tolkien por sorte permeia suas obras a tal ponto que, se você reunir todos os pedaços de informação dispersa e analisá-los a fundo, você será capaz de compreender muito sobre seus idiomas mesmo sem ter acesso a suas gramáticas explícitas. Infelizmente este método de estudo levará a muitas lacunas no nosso conhecimento, lacunas na maior parte irritantes a pessoas que tentam realmente *usar* estes idiomas. Em outros casos, o material é tão escasso que podemos formular não apenas uma, mas muitas teorias sobre como são as regras gramaticais fundamentais, e não temos quaisquer outros exemplos que nos permitiriam identificar a teoria correta. Apesar disso, sabemos muito sobre quenya, embora uma certa parte do nosso conhecimento seja mais experimental do que gostaríamos. A análise das fontes tem lugar aqui; e ao menos devo explicar as abreviações usadas neste trabalho.

As obras narrativas primárias, *O Senhor dos Anéis* (SdA, 1954-55) e *O Silmarillion* (Silm, 1977) não precisam de introdução. (É claro, também há *O Hobbit*, mas este livro contém pouca informação lingüística, e dificilmente qualquer coisa sobre o quenya.) A maioria dos nomes élficos de pessoas e lugares encontrados no SdA (tais como *Aragorn*, *Glorfindel*, *Galadriel*, *Minas Tirith*) estão em sindarin, mas também há muitos exemplos substanciais de quenya. No SdA, encontramos um dos mais longos textos em quenya conhecidos, o poema *Namárië*, próximo ao final do capítulo VIII (“Adeus a Lórien”) no Livro Dois no primeiro volume, *A Sociedade do Anel*. Também conhecido como Lamento de Galadriel, este é o poema iniciado com as palavras **Ai! laurië lantar lassi súrinen...**

Vários exemplos curtos de quenya também estão espalhados por todo o SdA, como a fala de Frodo na toca da Laracna (“*Aiya Eärendil Elenion Ancalima!* ele gritou, sem saber o que havia dito”), o louvor que os Portadores do Anel recebem nos Campos de Cormallen (parte sindarin, parte quenya), a Declaração de Elendil, conforme repetida por Aragorn em sua coroação, e a saudação de Barbárvore a Celeborn e Galadriel. As partes em quenya do

Louvor de Cormallen (como irei me referir a ele), como encontrado no volume 3, Livro Seis, capítulo IV (O Campo de Cormallen), seguem desse modo: **A laita te, laita te! Andave laituvalmet!... Cormacolindor, a laita tárienna!** (ver *Sauron Defeated* pág. 47.) Esta é traduzida em *The Letters of J.R.R. Tolkien*, pág. 308: “Louvai-os, louvai-os, muito iremos louvá-los.” – “Os portadores do Anel, louvai-os com grande louvor”.

No capítulo seguinte (V) nós temos a *Declaração de Elendil*, repetida por Aragorn na sua coroação: **Et Eärello Endoreenna utúlien. Sinome maruvan ar hildinyar tenn’ Ambar-metta.** Esta é traduzida no texto como “do Grande Mar vim para a Terra-média. Neste lugar vou morar, e também meus herdeiro, até o fim do mundo”.

A *Saudação de Barbárvore* no capítulo após aquele (VI) é **a vanimar, vanimálion nostari**, traduzida tanto em *Letters* pág. 308 (“ó belos seres, pais de belas crianças”) como em *Sauron Defeated* pág. 73 (“belos seres criadores de seres belos”; esta tradução é mais literal).

Material sobre o quenya (embora na maioria apenas palavras isoladas) também ocorre nos Apêndices do SdA, em particular no Apêndice E.

No *Silmarillion*, também temos algumas curtas frases em quenya. No capítulo 20 há alguns gritos de guerra: **Útúlie’n aurë! Aiya Eldalië ar Atanatári, utúlie’n aurë!** “O dia chegou! Vejam, povo dos Eldar e pais dos homens, o dia chegou!” – **Auta i lómë!** “A noite está passando!” – **Aurë entuluva!** “O dia virá novamente!” Próximo ao fim do capítulo 21 há o grito **a Túrin Turambar turun ambartanen**, “ó Túrin, mestre do destino, pelo destino derrotado” – mas nos *Contos Inacabados* pág. 138 é indicado que **turun** deveria ser lido de preferência **turún’** (evidentemente encurtado de uma forma maior **turúna**, o **-a** final sendo omitido porque a próxima palavra também começa em **a**-). O apêndice do *Silmarillion*, “Elementos em nomes nos idiomas quenya e sindarin”, também menciona muitas palavras pertencentes a estes dois idiomas.

No caso de outras fontes, uma análise mais resumida bastará, uma vez que estes livros e jornais (diferente do *SdA* e *Silm!*) não aparecem em muitas edições e traduções. Eu posso então simplesmente me referir ao livro e página relevantes quando usar citações deles, e esta referência com sorte será precisa o suficiente. Iremos listá-los pelas seguintes abreviações:

□ RGeo: *The Road Goes Ever On* (nossas referências às páginas são da segunda edição de 1978). A primeira edição foi publicada em 1968; esta é, assim, uma das nossas poucas fontes fora do SdA que foram publicadas durante a vida de Tolkien, o que confere a ela uma autoridade extra (pois, quando algo era publicado, ele normalmente o considerava uma parte fixa e imutável dos mitos). Apesar de que RGeo ser basicamente um ciclo de canções (poemas de Tolkien com música de Donald Swann), Tolkien incluiu também notas bastante abrangentes em dois poemas élficos que ocorrem no SdA, *Namárië* e o hino sindarin *A Elbereth Gilthoniel* (RGeo: 66-76). Além de escrevê-los na escrita fëanoriana, ele também forneceu uma tradução entrelinhas de ambos; isto nos permite saber com certeza o que significa cada palavra. Ele também reorganizou o *Namárië* em uma versão em prosa mais clara, como uma alternativa à versão poética no SdA – fornecendo-nos uma oportunidade única para comparar o estilo poético com o prosaico no quenya. De modo que eu irei me referir algumas vezes ao “*Namárië* prosaico”.

□ CI: *Contos Inacabados* (1980). Uma coleção de material publicada postumamente suplementando e algumas vezes “dissecando” as histórias do SdA e do *Silm*, embora, como o título indica, nem todos eles foram terminados pelo autor. De particular interesse para os estudantes de élfico é o *Juramento de Cirion*, encontrado em CI: 340: **Vanda sina termaruva Elenna-nórëo alcar enyalien ar Elendil vorondo voronwë. Nai tiruvantes i hárar mahalmassen mi Númen ar i Eru i or ilyë mahalmar eä tennoio.** A tradução (não completamente literal) dada no texto é: “Este juramento permanecerá em memória da glória da Terra da Estrela, e da fé de Elendil, o Fiel, na conservação daqueles que sentam sobre os tronos do oeste e d’Aquele que está acima de todos os tronos para sempre”. Tolkien adicionou

algumas notas interessantes sobre as palavras em quenya (CI: 497), permitindo-nos analisar o Juramento em si.

☐ Letters: *The Letters of J. R. R. Tolkien* (1981). Editado por Humphrey Carpenter, biógrafo de Tolkien, esta coletânea de cartas também contém alguma informação lingüística. Os leitores do SdA ocasionalmente escreviam para Tolkien fazendo perguntas mencionando exemplos de quenya e sindarin encontrados naquela obra, e sendo este o assunto favorito de Tolkien, ele freqüentemente escrevia respostas bastante detalhadas. Entre outras coisas, o *Letters* fornece traduções de alguns exemplos de élfico que não são traduzidos no próprio SdA, ver **Aiya Eärendil Elenion Ancalima** = “Salve Eärendil, a mais brilhante das estrelas” (Letters: 385; nós já citamos a tradução do Louvor de Cormallen em Letters: 308).

☐ MC: *The Monsters and the Critics and Other Essays* (1983). Este livro contém o ensaio de Tolkien *A Secret Vice* [Um Vício Secreto] (MC: 198-223), no qual ele expõe seus pensamentos e teorias sobre a construção idiomática em geral. Ele também inclui alguns poemas élficos, sendo o mais notável o *Oilima Markirya* ou “A Última Arca”, que é listado em várias versões. A versão do *Markirya*, que é mais interessante às pessoas que estejam estudando o tipo de quenya exemplificado o SdA, é encontrada em MC: 221-223 (incluindo algumas anotações valiosas).

Tendo editado e publicado o Silm, CI e MC a partir dos papéis deixados por seu pai, Christopher Tolkien começou o que se tornaria um projeto altamente ambicioso. No período de 1983-1996, ele publicou uma série de não menos que doze volumes, demonstrando como seu pai desenvolveu suas narrativas mundialmente famosas no decorrer de muitos anos. A série *History of Middle-earth* (HoME) apresenta as muitas “camadas” de manuscritos, documentando como o *Silmarillion* e o SdA, como os conhecemos, gradualmente vieram a existir, e também apresentando outros materiais relacionados à vasta mitologia de Tolkien. Por conveniência, listarei todos os volumes do HoME por suas abreviações padrão, embora eu não vá realmente citar cada uma delas:

- ☐ LT1: *The Book of Lost Tales 1* (1983)
- ☐ LT2: *The Book of Lost Tales 2* (1984)
- ☐ LB: *The Lays of Beleriand* (1985)
- ☐ SM: *The Shaping of Middle-earth* (1986)
- ☐ LR: *The Lost Road* (1987)
- ☐ RS: *The Return of the Shadow* (1988)
- ☐ TI: *The Treason of Isengard* (1989)
- ☐ WR: *The War of the Ring* (1990)
- ☐ SD: *Sauron Defeated* (1992)
- ☐ MR: *Morgoth's Ring* (1993)
- ☐ WJ: *The War of the Jewels* (1994)
- ☐ PM: *The Peoples of Middle-earth* (1996)

Cada um desses livros fornece pistas para a estrutura dos idiomas de Tolkien, embora freqüentemente de um modo casual (Christopher Tolkien incluiu relativamente pouco dos escritos estritamente lingüísticos de seu pai que, sendo altamente técnicos, seriam de pouco interesse aos leitores em geral). Para as pessoas interessadas nos idiomas de Tolkien como eles aparecem no SdA, os volumes mais importantes do HoME são LR, WJ e SD, os quais qualquer estudante sério destes idiomas deve ter em sua biblioteca particular. O único texto longo em quenya que ocorre no HoME, *Canção de Fíriel*, é encontrado em LR: 72 – mas, principalmente, estes livros reproduzem três importantes documentos de fontes aos quais eu freqüentemente irei me referir simplesmente pelo nome (como fazem a maioria dos estudantes

da criação lingüística de Tolkien). Portanto, eles serão brevemente descritos aqui. Estamos falando do *Etimologias* e dos ensaios *Quendi and Eldar* e *Lowdham's Report*.

1. O *Etimologias* (chamado Etim para simplificar) é encontrado em LR: 347-400. (devo mencionar que existem por aí diferentes versões do LR, então há, infelizmente, mais de uma paginação; minhas referências de páginas são da edição normalmente usada pelos lingüistas tolkienianos.) Indubitavelmente o documento mais desconcertante de toda a série do HoME para os leitores casuais, esta é a nossa mais importante fonte única de vocabulário “élfico”. Contudo, este não é um dicionário comum. É uma lista em ordem alfabética de cerca de seiscentas “bases” ou raízes primitivas, as várias entradas listando palavras reais derivadas destas raízes como elas aparecem em idiomas élficos posteriores (às vezes, a real forma oculta e “élfica primitiva” também é mencionada, refletindo rigorosamente a própria “base”). Por exemplo, sob a entrada **ÁLAK** (LR:348), propriamente definida como “veloz”, encontramos estas séries: **alk-wā* cisne: Q *alqa*; T *alpa*; NA *alpha*; N *alf*. A idéia de Tolkien é que a palavra élfica primitiva **alk-wā** evoluiu para o Q[uenya] **alqa**, T[elerin] **alpa**, N[oldorin] A[ntigo] **alpha** e N[oldorin] **alf**. O *Etimologias* foi escrito na segunda metade dos anos trinta, e a ortografia e conceitos gerais diferem um pouco do cenário do SdA como publicado no início dos anos cinqüenta. (Se formos atualizar o exemplo recém citado, devemos ler *Sindarin* no lugar de Noldorin, e o quenya **alqa** e o noldorin/sindarin **alf** devem dessa forma ser escritos **alqua** e **alph**, respectivamente – ambas palavras, assim escritas, são realmente confirmadas em obras posteriores.) Apesar do fato de que o *Etimologias* em alguns aspectos reflete um “cenário” lingüístico um tanto desatualizado, uma vez que Tolkien empreendeu revisões importantes após ter escrito o Etim, e ele ainda é uma mina de ouro de informações (e como recém demonstramos, ele pode de certa forma ser atualizado com prazer de acordo com as idéias posteriores de Tolkien). De todos os idiomas de Tolkien mencionados no Etim, o quenya é, de qualquer forma, entre as línguas, a que menos foi afetada significativamente por suas revisões subseqüentes. (No caso do noldorin, por outro lado, ele “remendaria” sua fonologia e evolução imaginária, e alteraria drasticamente sua história interna, para produzir o sindarin como o conhecemos do SdA.)

2. *Quendi and Eldar* (às vezes Q&E para simplificar) é encontrado em WJ: 360-417. Este é ostensivamente um ensaio sobre a “Origem e os Significados das palavras Élficas referentes aos *elfos* e suas variedades. Com apêndices a seus nomes para os outros Encarnados”. Este terreno é certamente abrangido, mas felizmente (do nosso ponto de vista!) há muitas digressões, apêndices e notas que fornecem muita informação extra sobre os idiomas élficos como Tolkien veio a concebê-los no período pós-SdA: este ensaio data de cerca de 1959-60. Christopher Tolkien sentiu que uma seção substancial divergia muito radicalmente do assunto fixado do ensaio, e o retirou na edição (ver WJ: 359, 396). Por sorte, a seção omitida foi posteriormente publicada no jornal *Vinyar Tengwar*, edição #39. Quando eu citar o *Quendi and Eldar*, irei me referir, então, algumas vezes ao WJ e outras ao *Vinyar Tengwar* (VT). Embora a seção que apareça no VT possa ser “digressiva”, ela é, claro, de imenso interesse às pessoas que estudam os idiomas de Tolkien.

3. *Lowdham's Report*, ou na íntegra *Lowdham's Report on the Adunaic Language* (“Relato de Lowdham sobre o idioma adunaico”), pode ser encontrado em SD: 413-440. Como o título indica, este relato é principalmente preocupado com outro idioma além do quenya: *adunaico* (nos Apêndices do SdA escrito *adûnaico*), o idioma nacional de Númenor. Entretanto, um pouco de informação sobre o quenya, que neste relato é referido como avalloniano, também pode ser colhida – os dois idiomas às vezes sendo comparados ou contrastados. (“Lowdham” é apenas um personagem fictício de Tolkien. Tolkien algumas vezes apresentava mesmo informações muito técnicas sobre seus idiomas como se estivesse meramente citando ou se referindo às observações e pontos de vista de várias pessoas que viviam *dentro* dos seus mitos. Entre suas fontes ficcionais favoritas encontramos *Fëanor*, o

maior, mas também o mais orgulhoso dos Noldor, *Rúmil*, o sábio de Tirion, e *Pengolodh*, o mestre de tradição de Gondolin: Muitos dos personagens de Tolkien parecem compartilhar o interesse de seu autor em escritas misteriosas e idiomas estranhos.)

As fontes até agora mencionadas são aquelas publicadas ou editadas pelo próprio Tolkien ou por seu filho – exceto pelo *Letters*, que foi editado por Humphrey Carpenter. Além disso, existem algumas obras editadas e publicadas por outros. Alguns restos muito breves de informação podem ser extraídos do *J.R.R. Tolkien – Artist and Illustrator*, editado por Wayne Hammond e Christina Scull. Os resultados da Equipe Editorial, escassos mas não desprezíveis, também devem ser mencionados. O jornal *Vinyar Tengwar* (VT), editado por Carl F. Hostetter, teve sua época de ouro no período de 1988-93, quando o editor conseguiu manter uma contínua publicação bimestral. Quando Hostetter e os outros membros da EE, no início dos anos noventa, começaram a receber material original de Tolkien do maior interesse para ser editado e publicado, o ritmo de publicação caiu misteriosamente para cerca de uma edição por ano, e esta situação tem continuado durante a segunda metade dos anos noventa e na nova década. Nem todas das poucas edições que foram publicadas possuem algum material novo de Tolkien, e aquelas que o têm, são geralmente dedicadas a partes muito curtas (que, além disso, são amostras de material muito primitivo que claramente não é compatível com o SdA).

Algumas edições, apesar disso, se sobressaem, e uma delas já foi mencionada: na edição #39, julho de 1998, Hostetter publicou a parte do *Quendi and Eldar* que Christopher Tolkien deixou de fora do WJ, assim como o ensaio *Ósanwe-kenta* (o último não é estritamente lingüístico pelo seu assunto, mas Tolkien, apesar disso, mencionou algumas palavras em quenya). Algum material útil também aparece a edição #41, julho de 2000, preenchendo certas lacunas irritantes no nosso vocabulário (em particular com respeito ao verbo “poder”) e fornecendo novas e interessantes informações sobre a formação do tempo presente. Em janeiro de 2002, várias traduções em quenya do Pai Nosso e da Ave Maria foram publicadas na edição #43; Tolkien, o católico, produziu mais de uma versão élfica destes textos.

Os outros dois principais resultados da EE no esforço de edição consiste na maior parte de material de lista de palavras: o *Gnomish Lexicon* [Léxico Gnômico] (GL) e o *Qenya Lexicon* [Léxico Qenya] (QL, também conhecido como o *Qenyaqetsa*, abreviado QQ). O GL também menciona algumas palavras de “qenya” (do mesmo modo como o QL menciona algumas palavras *gnômicas*; os idiomas são freqüentemente comparados ou contrastados). Com respeito ao “qenya” como oposto ao quenya (no estilo do SdA), ver abaixo. Estes léxicos foram publicados nas edições #11 e #12 do jornal *Parma Eldalamberon*, em 1995 e 1998, respectivamente. Eles foram originalmente escritos durante a Primeira Guerra Mundial, quando a versão mais primitiva dos mitos de Tolkien começou a tomar forma: o manuscrito do QL é geralmente datado de 1915, e o GL de 1917. Trechos substanciais já foram publicados em 1983-84, quando Christopher Tolkien trabalhou pesadamente nos léxicos nos apêndices do LT1 e do LT2. Prefixado a cada léxico, o *Parma* também publicou algum material relacionado: uma *gramática gnômica* nunca terminada no #11, e algumas descrições fonológicas para o “qenya” no #12.

Dos exemplos reais de quenya até agora mencionados, irei me referir com freqüência ao *Namárië*, *Saudação de Barbárvore*, *Declaração de Elendil*, *Juramento de Cirion*, *Canção de Fíriel* e *Markirya* simplesmente pelo título ou “nome”, nem sempre fornecendo uma referência ao livro e página. Da consideração acima, o estudante saberá onde elas são encontradas (se você sentir o impulso de checar a precisão das minhas citações!). Na maioria dos outros casos fornecerei uma referência quando citar algo, uma vez que isto será

geralmente encontrado em uma das fontes que permitem uma precisa referência a livro e página (já que não há uma quantidade absurda de diferentes edições com diferentes numerações de páginas por aí). Quando me referir às entradas no *Etimologias* (em LR), eu simplesmente citarei a entrada-chave, que pode ser facilmente localizada em todas as edições (independente das páginas).

UMA PALAVRA DE ADVERTÊNCIA COM RESPEITO ÀS PARTES DO CORPUS

Disperso nas fontes listadas acima, temos um “corpus” total de quenya que equivaleria a aproximadamente 150 páginas se fossem todas reunidas (embora a maior parte dele seja apenas material de listas de palavras não conectado; as amostras de *texto* real são muito mais raras e poderiam provavelmente ser colocadas em não mais do que duas ou três páginas). Mas aqui uma palavra de advertência é dada: se você quer aprender o tipo de quenya que você encontrou no SdA, nem todas as amostras encontradas neste corpus são totalmente “confiáveis” – mesmo que elas sejam com certeza genuinamente de Tolkien. Para evitar o que potencialmente seria um “pântano” de confusão, o estudante deve inteirar-se imediatamente de um fato: *O tipo de quenya exemplificado no SdA não é apenas o único tipo de quenya que existe*. Se você começar analisando todas as amostras de quenya que temos agora, você logo perceberá que elas não formam uma massa homogênea. A maioria das amostras certamente muito se “parece”, nunca se distanciando demais das formas de palavras inspiradas no finlandês, mas muito do material primitivo (nunca publicado durante a vida de Tolkien) pode ser mostrado para empregar ou pressupor palavras, desinências declináveis e regras gramaticais que diferem do sistema do quenya no estilo do SdA. Sem dúvida, nenhuma amostra é *completamente* diferente do quenya no estilo do SdA – mas em material que antecede a metade dos anos trinta, também não há qualquer exemplo que seja completamente idêntico.

Tolkien era, por assim dizer, excelente ao se tratar da invenção de idiomas. Fixá-los em uma forma nítida e imutável era uma tarefa quase impossível para ele. Havia sempre novas idéias com as quais ele queria trabalhar nas suas estruturas, mesmo se essas idéias contradissem e tornassem obsoleto o que ele havia escrito anteriormente. Podemos ter certeza que seu personagem fictício Lowdham fala pelo próprio Tolkien (SD: 240):

Ao idealizar um idioma, você é livre: livre demais (...) Quando você está apenas inventando, o prazer ou diversão está no momento da invenção; mas como você é o mestre, seu capricho é lei, e você pode querer a diversão novamente, renovada. Você pode sempre procurar defeitos, alterar, refinar e hesitar de acordo com o seu humor lingüístico e com suas mudanças de gosto.

Com a publicação póstuma de muitos escritos de Tolkien, nós temos muitas provas de “procura de defeitos, alteração, refinamento e hesitação” de sua parte. É agora evidente que o quenya apareceu em muitas personificações e, apesar de todas elas compartilharem o mesmo “estilo” geral e provavelmente parecerem uma só coisa para um estudante novo, elas na verdade diferem em muitos detalhes de gramática, vocabulário e mesmo em fonologia. Uma forte demonstração das extensas revisões de Tolkien é dada pelo poema *Markirya*, que existe em uma versão datando do início dos anos trinta (MC: 213) e outra que é quarenta anos mais nova, datando da última década de vida de Tolkien (MC: 221-223). Ambas versões têm (quase) o mesmo significado, mas a versão posterior é, no sentido pleno da palavra, uma *tradução* da anterior, e não uma mera reescrita: apenas umas poucas palavras e desinências declináveis são comuns a ambos os textos.

Uma vez que Tolkien usava tipicamente nas fontes pré-SdA a grafia *qenya* ao invés de quenya (embora a pronúncia pretendida seja a mesma), outras pessoas e eu freqüentemente

usamos “qenya” (de preferência em citações) como um nome das variantes primitivas do quenya que são mais ou menos diferentes da forma que aparece no SdA e em fontes posteriores. A primeira versão do *Markirya* chamarei assim de poema em “qenya”; apenas a versão posterior é em quenya como o conhecemos a partir do SdA. Alguns outros poemas reproduzidos no MC (*Nieninqe e Earendel*, págs. 215-216), assim como um poema alternativo da “Última Arca” com significado diferente do *Markirya* clássico (MC:221), também são decididamente “qenya” ao invés de quenya. Estes textos podem com certeza ser aproveitados por suas próprias qualidades, mas como material de pesquisa para estudantes tentando compreender a estrutura do estilo de quenya do SdA, eles excluem mutuamente.

Como seria de se supor, o idioma *geralmente* torna-se mais e mais similar à sua “forma final” quanto mais perto chegamos da composição do SdA por Tolkien. Por exemplo, o texto relativamente tardio, *Canção de Fíriel*, é quase, mas não inteiramente, quenya no estilo do SdA. Entretanto, não se deve ter uma visão simplista disso, acreditando que Tolkien começou em 1915 com um idioma que era diferente demais do quenya da SdA e que “gradualmente” evoluiu para o quenya no estilo do SdA, em uma bela e organizada linha evolutiva. A escassez de material publicado não nos permite acompanhar o processo em qualquer detalhe, mas já é evidente que Tolkien continuou mudando de idéia constantemente, não apenas fazendo revisões, mas também freqüentemente desfazendo-as mais tarde: de fato alguns de seus materiais mais primitivos, escritos durante Primeira Guerra Mundial, dão uma grande impressão de serem *mais* parecidos com o quenya no estilo do SdA do que certos poemas em “qenya” do início dos anos trinta. Pode parecer que Tolkien, ao invés de “progredir” ousadamente em direção ao quenya no estilo do SdA, fez uma série de desvios no caminho, algumas vezes se aventurando em revisões radicais que eventualmente mostravam-se desagradáveis e eram rejeitadas. Mesmo assim, em outros casos, certas revisões mostraram-se duráveis, com Tolkien evidentemente percebendo-as como melhorias genuínas – mas o processo completo era inteiramente imprevisível, pois em um jogo como este não poderiam haver critérios objetivos imagináveis para o que constitui uma melhoria: como Tolkien dizia por Lowdham, “Seu capricho é lei”.

Algo realmente próximo do quenya no estilo do SdA parece ter feito sua primeira aparição na segunda metade da década de trinta, com a criação do *Etimologias*. Mas não se deve pensar que tudo estava completamente resolvido mesmo após o SdA ter sido escrito e publicado na primeira metade dos anos cinqüenta; Tolkien realmente usou a oportunidade para fazer algumas correções, mesmo com as amostras de quenya *publicadas* nesta obra, quando a edição revisada apareceu em 1966 (e ainda mais reparos certamente estavam sendo feitos nos bastidores). Sete anos mais tarde ele morria, e há pouca razão para acreditar que ele alguma vez conseguiu (ou sequer tentou seriamente) fixar o quenya e seus outros idiomas em *uma* forma definitiva lapidada – ordenando cada detalhe. Membros da Equipe Editorial indicaram que os manuscritos tardios de Tolkien testemunham uma última fase de intensa experimentação mas, aparentemente, jamais surgiu alguma versão final ou definida. Esta não era necessariamente uma “falha”, como um compositor nunca conseguindo terminar sua grande ópera: “A mudança incessante, muitas vezes frustrante àqueles que estudam estes idiomas, era inerente à sua arte”, observa Christopher Tolkien (SD: 440). Em outro lugar, ele comenta que, a respeito do trabalho de seu pai nos idiomas, “parece que a simples tentativa de escrever um relato definitivo produzia descontentamento imediato e o desejo para novas construções: assim, os mais belos manuscritos eram logo tratados com desdém” (LR: 342). Enquanto “o prazer se situasse na criação em si”, Tolkien *não poderia* escrever um relato definitivo, ou sua diversão estaria acabada.

Apesar de tudo, se comparado à intensa experimentação de Tolkien nos vinte anos a partir de 1915, o quenya parece ter entrado em um tipo de fase estável na segunda metade dos anos trinta. No decorrer da década seguinte, Tolkien escreveu o SdA, que incluía algumas

amostras de quenya como agora se parecia (de forma mais notável, o *Namárië*). Com a eventual publicação do SdA em 1954-55, estas formas tornaram-se uma parte fixa dos mitos (a despeito das sutis correções de Tolkien na revisão de 1966). Tendo publicado o SdA, Tolkien obviamente não poderia revisar seus idiomas tão livremente como antes. De acordo com o relatado, existem indicações nos seus manuscritos pós-SdA de que ele realmente se sentiu de algum modo preso. Mas esta relativa estabilidade seria depois uma boa notícia para as pessoas querendo aprender ou estudar “o” quenya, a decisão mais ou menos definitiva de Tolkien de como este idioma teria “realmente sido” nas eras distantes registradas pelas suas narrativas.

Algumas pessoas (incluindo a mim) referem-se a este como *quenya maduro*. Outras sentem que este termo é indevidamente depreciativo às formas primitivas do quenya ou “qenya”, uma vez que fica uma noção inevitável de que elas eram de algum modo imaturas e inferiores. Artística e subjetivamente falando, penso que a forma “final” do quenya é mais atrativa do que os experimentos iniciais de Tolkien, e não pode haver dúvida de que *este* é o tipo de quenya que a maioria dos estudantes irá querer aprender primeiramente – e não as variantes anteriores que o próprio Tolkien rejeitou. Por este motivo, esta é certamente a versão do quenya que Tolkien gostaria que estudássemos; se dependesse dele, nós jamais teríamos visto quaisquer outras versões! Ele tomou o maior cuidado para assegurar que seus mitos permanecessem livres de contradições internas, e ele nunca teria reconhecido variantes contraditórias do quenya como sendo de alguma maneira igualmente válidas. De fato deve ser notado que, já idoso, Tolkien se referiu a esta forma mais inicial de qenya como “muito primitiva” (PM: 379). Portanto não temos escolha a não ser tratar o material inicial com considerável cuidado, e há pouca razão para acreditar que Tolkien teria ficado muito insultado se outras pessoas dissessem (ou realmente concordassem!) que suas variantes primitivas de “qenya” não são tão atrativas como suas versões posteriores cuidadosamente refinadas do idioma.

Ainda assim, neste curso eu optei por falar não de “quenya maduro”, mas sim de *quenya no estilo do SdA*. O último termo deve ser completamente não controverso. O idioma que esse curso ensina é, claro, quenya no estilo do SdA, tão bem quanto pode aproximar-se no estágio atual – mas não há nenhum ponto afirmando que as várias variantes primitivas de “qenya” nunca existiram. eu realmente irei me referir à algumas de suas características, para dar ao estudante alguma idéia de que tipo de variantes ocorrem no material. Com exceção de tais considerações acadêmicas, o material primitivo é algo ao qual poderemos “recorrer” quando o material mais próximo à composição (e preferencialmente posterior) do SdA seja insuficiente para os nossos propósitos. Em particular, podemos aproveitar o material de “qenya” para itens úteis de vocabulário, em cada caso tendo certeza que as palavras tiradas do quenya no estilo do SdA ajustam-se a esta língua (isto é, elas não devem entrar em conflito com palavras posteriores de diferentes significados, e a forma das próprias palavras deve se ajustar à fonologia e ao sistema derivativo do idioma como Tolkien eventualmente veio a prever). Apesar de tudo, *todas* as encarnações do q(u)enya em todo o período a partir do qual o idioma foi inventado, em 1915, até a morte de Tolkien em 1973, podem bem ser vistas, de alguma maneira, como variações intermináveis sobre os mesmos temas. É portanto, de certa forma, apenas para ajustar isto aos nossos esforços de desenvolver uma forma utilizável de quenya que levamos tudo em consideração. Mas para a abrangente estrutura gramatical e fonológica, devemos priorizar a visão de Tolkien como manifestada no SdA e em escritos pós-datados à esta obra: se temos algum respeito pelas intenções de Tolkien, a forma de quenya que tentamos consolidar deve ser compatível com o SdA.

Pouca coisa pode ser fácil ou nítida neste estranho canto da Linguagem. Reconstruir a estrutura do quenya é como tentar montar um gigantesco quebra-cabeça de peças muito espalhadas. Muitas peças estão simplesmente faltando, vastas quantidades de material estão

inacessíveis a estudiosos (e, para tornar as coisas piores, aqueles que se supunham estarem publicando-o, parecem estar muito mais preocupados em cancelá-lo). Além disso, por causa das freqüentes revisões de Tolkien, você sequer pode ter certeza de que todas as peças que tenha encontrado pertençam ao mesmo quebra-cabeça. Algumas claramente não se ajustam e podem ser ignoradas; muitas outras caem na categoria do “duvidável”, e você realmente não sabe o que fazer com elas.

Neste curso eu mencionarei algumas das variações e apresentarei minhas suposições (espero) qualificadas do que devemos aceitar como confiável e o que é provavelmente melhor ser ignorado. De fato, devido à carência geral de informações gramaticais *explícitas* da parte de Tolkien, eu não apresentarei sempre a gramática do quenya com segurança e autoridade; de preferência, você me verá revisar freqüentemente qualquer evidência que esteja disponível e tentar redigir algumas regras que possamos seguir quando montarmos nossas próprias composições em quenya. Mas, de certo modo, isto é precisamente o que eu gostaria de fazer, para assim inteirar os estudantes com o tipo de deduções que o campo da lingüística tolkieniana trata neste estágio. Com respeito a alguns materiais que eu publiquei anteriormente, tenho recebido (gentis) reclamações de que eu meramente listei minhas conclusões sem mostrar no que elas foram baseadas, afirmando de uma forma um tanto que dogmática que isto é “assim e assim, aceite minha palavra em relação a isto”. Acho que este estilo era inevitável em uma apresentação breve, mas aqui irei em muitos casos me aproveitar da oportunidade para voltar às fontes primárias e realmente *demonstrar* que tipo de deduções fundamentam cada coisa.

Precisamente porque o quenya de Tolkien é um tipo de entidade flexível, fixada em linhas gerais, mas com intermináveis variações contraditórias quando se chega aos detalhes, podemos nos sentir de certa forma livres para consolidar nosso próprio padrão (não tornando-o mais difícil do que podemos). Enquanto organizarmos um sistema utilizável a partir dos elementos fornecidos por Tolkien, mesmo que não haja modo de aceitarmos todas as variações conhecidas dentro de um sistema simples e unificado, o idioma resultante *será* o quenya real – na medida em que tal coisa possa existir.

CONVENÇÕES ORTOGRÁFICAS

Durante as décadas, a ortografia de Tolkien para o quenya variou em certos detalhes. Como tratado acima, quase cada aspecto do quenya era de algum modo variável mas, diferente da gramática instável, as variações ortográficas não são muito sucessivas: de qualquer modo, o nosso alfabeto não é, teoricamente, a escrita original para o quenya. Tolkien estava simplesmente hesitante sobre como melhor converter em nossas próprias letras a suposta escrita original élfica (o *Tengwar*, também chamados de escrita *fëanoriana* – uma escrita singularmente bela que Tolkien desenvolveu com o mesmo cuidado afetivo dispensado aos próprios idiomas). Neste curso, uma ortografia consistente foi imposta ao material, baseada principalmente na ortografia usada no SdA (eu digo “baseada principalmente” porque a ortografia usada no SdA também não é completamente consistente, mas é bem próxima disso!) A respeito da ortografia usada no SdA, Tolkien escreveu: “O idioma arcaico de tradição [isto é, o quenya] é tido como um tipo de ‘latim élfico’ e, ao transcrevê-lo em uma ortografia muito parecida com a do latim (exceto que o *y* é usado apenas como uma consoante, como o *y* na palavra i[nglesa] *Yes*), a semelhança com o latim aumentou a olhos vistos (*Letters*: 176).

Irei delinear as convenções ortográficas usadas neste trabalho. O que se segue não é algo que um estudante novo precise absorver cuidadosamente. As pessoas que querem estudar o quenya deveriam, apesar de tudo, estar conscientes das principais inconsistências ortográficas

nas fontes primárias. Guiado antes de mais nada pela ortografia que Tolkien usou no SdA, eu regularizei as seguintes características:

Comprimento da vogal indicado por um acento (e nenhum outro símbolo): Na sua ortografia do quenya, Tolkien sempre usou algum tipo de símbolo para indicar as vogais que se pronunciam *longas* (se você não sabe o que é uma vogal, veja a primeira lição regular). Mas precisamente que símbolo ele usava é algo um tanto que variável. Algumas vezes ele usa um *mácron*, uma linha curta horizontal acima da vogal; isso é especialmente comum no *Etimologias* e em certas obras filológicas. Às vezes um *circunflexo* é usado; ex: **ô** na palavra **fôlima** “reservado” do dicionário de “quenya” mais primitivo (LT2: 340/QL: 38). Mas no SdA e na maioria das fontes posteriores, Tolkien usa tipicamente um *acento* normal para indicar o comprimento da vogal, e assim faremos aqui: **á, é, í, ó, ú** longos em oposição a **a, e, i, o, u** curtos. Portanto, se eu alguma vez precisar da palavra **fôlima**, eu a escreverei **fólma**. Quando citar formas élficas primitivas, entretanto, usarei circunflexos para sinalizar vogais longas. Nas fontes, porém, os mácrons são geralmente usados: já citamos *alk-wā* “cisne” a partir da entrada *ÁLAK* no *Etim.*, com o mácron acima do *a* final indicando que a vogal é longa.

- *C* ao invés de *K*: se você se incomodou em procurar a referência que eu dei para a frase **Anar caluva tielyanna** acima (*Contos Inacabados* pág. 10), você pode ter notado que, na fonte, a palavra do meio é na verdade escrita **kaluva**. Em quenya, **k** e **c** representam o mesmo som (pronunciado *K*); Tolkien simplesmente não conseguiu decidir que letra usar. Em fontes pré-SdA, tais como o *Etimologias* e o primeiro *Qenya Lexicon*, ele usou principalmente **k** (apesar de que, em alguns casos, o **c** também aparecesse nessas fontes). Uma vez que a inspiração original para o quenya foi o finlandês, e a ortografia finlandesa emprega a letra **k**, não é de se surpreender que Tolkien originalmente preferiu esta grafia. Mas é evidente, a partir do *Letters*: 176 citado acima, que ele mais tarde decidiu que no SdA escreveria o quenya o mais parecido possível com o *latim*. Guiado pela ortografia do latim, ele começou a usar a letra **c** ao invés da **k**: “Eu decidi ser ‘consistente’ e escrever os nomes e palavras élficas inteiramente sem o *k*” (*Letters*: 247). Por exemplo, a palavra para “metal” foi escrita **tinko** no *Etimologias* (entrada *TINKÔ*) mas, no Apêndice E do SdA, a mesma palavra com o mesmo significado aparece como **tinco**. Portanto, regularizaremos daí em diante **k** para **c**. É um fato curioso que Tolkien, mesmo nas fontes posteriores ao SdA, em muitos (de fato, na maioria dos) casos voltou ao uso do **k**. Seus escritos são bastante inconsistentes neste ponto. Uma palavra para “anão” é dada como **Kasar** com um **k** em WJ: 388; mesmo assim, na próxima página, Tolkien troca para **c** quando cita o nome em quenya de Moria: **Casarrondo** (“Caverna dos Anões” ou “Salão dos Anões”). Uma palavra para “casa” aparece como **köa** em WJ: 369 (**köarya** “sua casa”), mas em MR: 250, a mesma palavra é escrita com um **c** na palavra composta **cöacalina** “luz da casa” (uma expressão élfica para a alma dentro do corpo). Em algumas notas tardias publicadas em VT41: 10, Tolkien mencionou uma palavra, **ruskuite** “astuto”, usando a letra **k** ao invés da **c**, mas logo após ele escreveu uma palavra, **calarus** “cobre polido”, usando **c** no lugar de **k**. Do *Silmarillion* publicado postumamente, lembramos de nomes como **Melkor** e **Tulkas**, mas em MR: 362, 382 as grafias usadas são **Melcor** e **Tulcas**. A palavra em quenya para “cavalo” é escrita **rocco** em *Letters*: 282, mas em *Letters*: 382, temos **rokko**. Imitar a persistente indecisão de Tolkien neste assunto seria um tanto sem sentido ou mesmo confuso. Por exemplo, a palavra em quenya para “cama” é dada em LR: 363 como **kaima**, mas no *Namárië* no SdA, a palavra obviamente relacionada, “deitam”, é escrita **caita**. Manter a ortografia inconsistente como um tipo de reverência equivocada obscureceria a relação entre as palavras; para combinar com **caita**, a palavra para “cama” deveria ser evidentemente escrita **caima**. Devo mencionar que há aqueles que, ao invés disso, regularizariam o material para **k**, descartando as grafias usadas no SdA em favor da ortografia

que Tolkien usa em muitas outras fontes. Isto é apenas uma questão de gosto e, na questão do “C ou K”, todos os escritores podem basicamente fazer suas próprias escolhas, mas eu geralmente irei aderir à ortografia do SdA. Afinal de contas, o SdA é uma obra particularmente central no que diz respeito ao ambiente no qual Tolkien estabeleceu seus idiomas.

NOTA: Mas no caso do título do poema *Markirya*, eu tendo a manter o *k* simplesmente porque a palavra **markirya** ou “arca” ocorre apenas na versão primitiva em “qenya” do poema. Ela não é encontrada na versão posterior em quenya, embora eu não saiba de que outra forma devemos chamá-la. Assim, neste caso, deixarei o **k** para sinalizá-la como uma palavra em “qenya” primitivo, embora a forma **marcirya** seguramente também funcionaria no quenya no estilo do SdA – e esta é a grafia que eu usaria se precisasse da palavra “arca” em um texto em quenya. Acho que geralmente também manteria o **k** em alguns nomes aos quais estamos acostumados vindos do *Silmarillion*: **Melkor**, **Tulkas**, **Kementári** e alguns outros. Mas o *Silmarillion* também emprega formas como **Calaquendi** (ao invés de **Kalaquendi**); logo, há pouca consistência nesta obra.

- *QU* ao invés de apenas *Q*: na maioria das fontes pré-SdA, a combinação “cw” é representada por uma letra *q*. Mas em algumas poucas fontes recentes (publicadas apenas postumamente) e, mais importante, no SdA, Tolkien usou *qu* ao invés de apenas *q*: novamente a inspiração foi a ortografia latina. Isto afetou até o nome do idioma; como mencionado acima, a grafia original de Tolkien era *qenya*. Para citar outro exemplo, a palavra para “pena”, escrita **qesse** em uma fonte pré-SdA (Etim., entrada *KWES*), tornou-se **quesse** no SdA (Apêndice E). Esta é uma mudança que é consistentemente executada em obras pós-SdA de Tolkien até onde as conhecemos, de modo que não precisamos hesitar ao impor também esta grafia às obras mais primitivas. (O próprio filho de Tolkien o faz em LT1: 170; ao examinar o primeiro elemento do nome **Qerkaringa** que ocorre em material primitivo, Christopher Tolkien usa a grafia **querka**. Eu daria um passo adiante e escreveria **querca**.)

- *X* ao invés de *KS* (ou então *CS*): a grafia de Tolkien para o que deve ser pronunciado “ks” varia. A maioria das fontes parece ter **ks** mas, ocasionalmente, a grafia com **x** é usada (já no *Qenya Lexicon* de cerca de 1915, pág. 95, parece que temos **tuxa** como uma grafia variante de **tuksa** “144”). No decorrer do *Etimologias*, a grafia **ks** é usada; ex: **maksa** “flexível, macio” (entrada *MASAG*). O *Etimologias*, entrada *KARAK*, nos dá assim **Helkarakse** como o nome da área ártica atravessada por alguns dos Noldor quando foram ao exílio. Entretanto, este nome aparece como **Helcaraxë** no *Silmarillion* publicado, com **x** para **ks** (e **c** para **k**), e regularizamos de acordo com a grafia posterior – ex: **maxa** ao invés de **maksa**. Nas fontes pós-SdA publicadas, Tolkien parece usar **x** no lugar de **ks** consistentemente; ex: **axan** “mandamento” e **nixe** “geada” em WJ:399/417, ou **axo** “osso” em MC: 223 – logo, o **x** deve ser visto como sua decisão final nesse assunto. No Apêndice E do SdA, Tolkien refere-se às “combinações *ts*, *ps*, *ks* (*x*), que foram favorecidas no quenya”; isto também parece sugerir que o **ks** é deve ser representado pelo **x** na ortografia normal. (Nenhum exemplo real de uma palavra em quenya que contenha **x/ks** parece ocorrer no SdA mas, como mencionado acima, temos **Helcaraxë** no *Silmarillion*.)

- *N* ao invés de *Ñ*: em muitas fontes, Tolkien usa o símbolo *ñ*, que não deve ser pronunciado como na ortografia espanhola (ex., como em *señor*). “Na transcrição, o *ñ* [é usado para] a letra fëanoriana da nasal anterior, o *ng* de *king*” (MR: 350). Diferente do inglês, o quenya podia originalmente ter este *ng* no início das palavras (assim como em outras posições onde também podia ocorrer no inglês). Um exemplo conhecido é a palavra **Ñoldo**, plural **Ñoldor**, que é assim escrita em muitas fontes. Mas no Apêndice E do SdA, Tolkien escreveu que este *ng* ou *ñ* “fora transcrito para *n* (como em *Noldo*) de acordo com a pronúncia na Terceira Era”. A lista dos nomes dos Tengwar no mesmo apêndice confirma o desenvolvimento ao Tolkien aludiu aqui: a pronúncia de certos símbolos de escrita Tengwar foi mudada levemente com o

passar das longas Eras da Terra-média. As letras que originalmente eram chamadas de **ngoldo** e **ngwalme** (= **ñoldo**, **ñwalme**) foram posteriormente chamadas de **noldo** e **nwalme**; uma vez que as letras eram chamadas por palavras reais do quenya que continham o som indicado pela letra, isto reflete um desenvolvimento segundo o qual o **ñ**- inicial torna-se o **n**- normal. Já no *Etimologias* da metade dos anos trinta, Tolkien fez alusão a um desenvolvimento semelhante: Na entrada *ÑGAR(A)M*, a palavra para “lobo” era listada como “*ñarmo, narmo*”, que é evidentemente devem ser compreendidas como uma forma anterior e uma posterior. MR: 350 menciona uma palavra **ñólë** “tradição, conhecimento”, que também é escrita com **ñ**- inicial no *Etimologias* (entrada *ÑGOL*, onde está listada como “sabedoria”), mas no Apêndice do *Silmarillion* (entrada *gûl*) grafia é **nólë**. Esta seria a forma posterior, a forma da Terceira Era. Nos valem da forma da Terceira Era em toda parte, regularizando o **ñ** para **n**. (Observe, porém, que na escrita *Tengwar* a distinção entre os símbolos transcritos **ñ** e **n** foi preservada mesmo após ambos virem a serem pronunciados “n”. Mas isto não é um problema enquanto escrevermos o quenya no nosso alfabeto.) Indubitavelmente as combinações **ng** e **nc** no meio das palavras também são tecnicamente **ñg** e **ñc**, como em **anga** “ferro” ou **anca** “mandíbula”. Até onde se sabe, Tolkien nunca usou a letra **ñ** antes de **g** ou **c** em palavras em quenya, mas somente **n**.

- *S* ao invés de *p*: este é um caso um tanto parecido com o **ñ** vs. **n**: Tolkien imaginou que o quenya falado em Valinor possuía **p**, mais ou menos como o som do *th* na palavra inglesa *think*. (No quenya valinoreano, ele era estritamente um pouco mais parecido com *s* do que no som em inglês, pronunciado com a ponta da língua contra apenas os dentes superiores, e não entre os dentes superiores e inferiores como no inglês.) Entretanto, no dialeto dos Noldor, este *s* parecido com **p** finalmente tornou-se um *s* normal, fundindo-se com os *s* preexistentes (uma mudança à qual Fëanor se opôs veementemente, mas em vão: ver PM: 331-339 para um famoso exemplo de quão entrelaçados os idiomas de Tolkien podem ser). O quenya como um idioma cerimonial na Terra-média sempre possuiu *s*, uma vez que apenas o dialeto noldorin era conhecido lá. Em WJ: 484, Tolkien menciona **pinde** como uma palavra em quenya para “cinza, pálido ou cinza prateado”, mas acrescenta que, no dialeto noldorin (“ñ”), esta se torna **sinde**. Em WJ: 319, encontramos **pelma** como uma palavra para “idéia fixa, vontade”; neste caso, a forma noldorin posterior **selma** não é mencionada lá e em nenhum outro lugar, mas nós ainda usaremos a forma posterior aqui, já que estamos almejando o tipo de quenya que era usado na Terra-média na Terceira Era.

O trema: em muitos casos, Tolkien acrescenta um *trema*, dois pontos, sobre uma vogal, como por exemplo **ä**, **ö**, **ë** nos nomes **Eärendil**, **Eönwë**. Isto é somente para deixar clara a pronúncia, primeiramente para os leitores acostumados à ortografia inglesa. Deve-se enfatizar que o trema não é, de modo algum, “necessário” para se escrever corretamente em quenya. Tolkien escreveu sobre a grafia **ë**, que é “apenas um artifício de transcrição, não necessário no original” – isto é, na suposta escrita *Tengwar* “original” (PM: 343). Ele tampouco é realmente “necessário” na transcrição – Tolkien nunca o usou no *Etimologias* – e pode seguramente ser deixado de fora em um e-mail. De fato, alguns estudiosos defendem a omissão geral em todas as mídias, vendo-o como supérfluo obstáculo gráfico supérfluo útil apenas para pessoas que não sabem o básico sobre o quenya (e, para pessoas acostumadas à ortografias de idiomas como o alemão, sueco ou finlandês, ele evidentemente pode ser enganoso). Mas eu não sei; acho que gosto de ver o trema em textos cuidadosamente apresentados, mesmo que ele não me diga nada que eu já não saiba de antemão. Ele acrescenta um tom exótico aos textos, e também representa um sinal na direção da impressão visual feita pelo finlandês escrito, já que a ortografia finlandesa emprega letras como *ä* e *ö* – que, contudo, denotam sons distintos do *a* e *o* normais, o que não é o caso na grafia do quenya.

Se formos usar o trema, devemos fazê-lo de uma maneira consistente. Em WJ: 425, Christopher Tolkien comenta o uso “muito variável” feito pelo seu pai, de modo que alguma regularização é exigida. (o próprio Christopher Tolkien regularizou a grafia de seu pai em algumas citações; por exemplo, em PM: 371 ele cita que a palavra em quenya **rossë** “orvalho”, da entrada *ROS*^l no Etim., mas lá a palavra é na verdade escrita **rosse**, sem trema.)

O **-ë** final em **Eönwë** tem a intenção de lembrar ao leitor que o **-ë** final não é mudo, como geralmente o é na ortografia inglesa. “O *e* final nunca é mudo ou um simples sinal de comprimento como no inglês”, observou Tolkien no SdA, Apêndice E. Ele acrescentou que, para sinalizar, “este *e* final é frequentemente (mas não consistentemente) escrito *ë*”. Como ele diz, esta grafia não é usada consistentemente, seja no SdA ou em outras fontes – cf. algumas das palavras já citadas: **quesse**, **sinde**, **nixe**. Daqui por diante, entretanto, seremos consistentes sobre isto: **quessë**, **sindë**, **nixë**. (Note, porém, que o trema não é usado em palavras onde o **e** final também é a *única* vogal, como em palavras curtas tais como **te** “eles” ou **ve** “como” – ambas ocorrendo no SdA. De vez em quando vejo algum fã de “pontos” empolgado criar grafias como **të** e **vë** mas, apesar disto não ser de modo algum “prejudicial”, é bastante supérfluo: Tolkien nunca usou tais grafias.)

Uma vez que apenas um **-e** *final* recebe o trema, os pontos desaparecem se você acrescentar uma desinência à palavra (ou usá-la como o primeiro elemento em uma palavra composta), já que então o **-e** não será mais final. Um exemplo confirmado disto é fornecido pela palavra **lámatyávë** “gosto pelo som” (prazer individual nas formas das palavras), o plural desta sendo escrito **lámatyáver** (MR: 215-216). Não vemos ****lámatyávër** pois, por causa da desinência de plural **-r**, a vogal **e** anterior não é mais final. (No decorrer deste curso, um asterisco duplo, ******, é usado para sinalizar uma forma errada.) O Apêndice D no SdA indica que o plural de **enquië** (a semana eldarin de seis dias) deve ser escrito **enquier** ao invés de ****enquiër**.

Além do **ë** final, devemos usar o trema para esclarecer a pronúncia das combinações **ea**, **eo** e **oe** (isto é, para indicar que ambas vogais devem ser pronunciadas claramente separadas: *e-a*, *e-o*, *o-e*; por exemplo, o **ëa** não deve se unir como o *ea* na palavra inglesa *heart*). No caso de **e + a** e **e + o**, o trema é colocado em cima do **e** enquanto este aparecer como uma letra minúscula: **ëa**, **ëo**. Se, entretanto, for em maiúscula, os pontos passam então para a próxima letra: **Eä**, **Eö** (como em **Eärendil**, **Eönwë**). Os próprios escritos de Tolkien não são consistentes neste assunto; adotamos a grafia usada no SdA e no *Silmarillion*. Algumas vezes ele também coloca o trema sobre uma letra maiúscula; por exemplo, o nome em quenya do universo em alguns textos aparece como **Ëa** (ex: MR: 7), embora, de acordo com o sistema que recém delineamos, devesse ser **Eä** – como no *Silmarillion* publicado. (Inconsistência gritante é vista em Letters: 386, onde Tolkien refere-se à “tentativa de *Eärendil* de cruzar *Ëar* [o oceano]” – deveria ser ou **Ëarendil**, **Ëar** OU **Eärendil**, **Eär**!) De modo oposto, Tolkien às vezes coloca o trema sobre a segunda vogal no grupo mesmo quando a primeira vogal *não* é maiúscula, resultando em grafias como **eä** (CI: 340, 497); escreveríamos isto de preferência **ëa** (como o próprio Tolkien fez em outros lugares; ver VT39: 6). Em uma nota de rodapé em MR: 206, Christopher Tolkien observa que seu pai oscilava entre **Fëanáro** e **Feänáro** (a forma em quenya do nome *Fëanor*); de acordo com o sistema aqui traçado, deveria ser **Fëanáro**.

No caso de **oe** (uma combinação muito rara), colocamos o trema sobre o **ë**, como no exemplo **loëndë** no Apêndice D do SdA (este é o nome do dia do meio do ano no calendário dos elfos). No Apêndice E, Tolkien claramente afirma que o fato do **oe** ser dissilábico é “geralmente indicado ao escrever-se...*oë*”.

Em algumas fontes, a combinação **ie** também é separada com um trema, resultando em grafias como **Niënna** (nome de uma Valië ou “deusa”), como por exemplo em MR: 49. Apesar disso, essa grafia não é usada no *Silmarillion* publicado, que tem simplesmente **Nienna**. O próprio SdA é um tanto incerto nesse ponto. No Apêndice A temos os nomes **Telperiën** e **Silmariën** assim escritos (embora o *Contos Inacabados* pág. 194 tenha **Silmariën**). Porém, o texto mais substancial no SdA, *Namárië*, não usa o trema nesta combinação – esse texto tem **tier**, não **tiër**, para “caminhos” (embora a última grafia ocorra em RGEO: 67). De acordo com este exemplo, assim como **Nienna** no *Silmarillion*, não usaremos o trema na combinação **ie**. Se, entretanto, o grupo **-ie** ocorrer no *final* da palavra, o **e** receberá o trema porque ele será final (completamente independente ao fato de que ele também é parte da combinação **ie**), de acordo com a regra estabelecida acima. Daí **Namárië**, **Valië** ao invés de **Namárie**, **Valie** e, se o primeiro elemento de **Nienna** ocorrer sozinho, o escreveremos **nië** – esta é a palavra para “lágrima”. Removendo a desinência de plural **-r** de **tier**, “caminhos”, se produz da mesma forma **tië** “caminho”, uma vez que o **-ë** torna-se final.

Em muitas fontes pós-SdA, Tolkien também começou a dissolver a combinação **oa** por meio de um trema (aparentemente para informar o leitor de que o “oa” não é unido como na palavra inglesa *load*). Logo, temos grafias como **hröa** “corpo” (MR: 350 e passim). Cf. também algumas das palavras citadas acima: **köarya**, **cöacalina**. Porém, no SdA Tolkien simplesmente escreveu **oa**. Compare a grafia **loa** usada no SdA (Apêndice D: “os Eldar também observavam um curto período ou ano solar... geralmente chamado *loa*”) com a grafia **löa** em MR: 426 (onde a palavra ocorre no plural: *löar* a *löar* = anos a anos). Regularizando de acordo com o sistema usado no SdA, não usaremos o trema na combinação **oa**. Portanto usaremos grafias como **hroa** “corpo”, **coa** “casa” etc. **Hroa** sem um trema é realmente encontrado em MR: 399-400 (e VT41: 13), de modo que não estamos “corrompendo” a grafia de Tolkien, e sim apenas consolidando um padrão ao escolher uma das opções que seus escritos nos fornecem e transmitem consistentemente. Assim, como tentei demonstrar, é verdadeira toda a regularização a qual eu impus ao material.